

AFAÇA

DIRECTOR-CONSELHEIRO XX

RIO DE JANEIRO

21 DE FEVEREIRO
DE

7925

Nº 150
ANNO IV

JUSTINOS
J. 25



**BIOTONICO
FONTOURA**
O MAIS
COMPLETO
FORTIFICANTE



Com o uso do **Biotonico Fontoura**

observa-se o seguinte :

- 1.—Sensível aumento de peso.
- 2.—Levantamento geral das forças.
- 3.—Desapparecimento do nervosismo.
- 4.—Aumento dos globulos sanguineos.
- 5.—Eliminação da depressão nervosa.
- 6.—Fortalecimento do organismo.
- 7.—Maior resistencia para o trabalho physico.
- 8.—Melhor disposição para o trabalho mental.
- 9.—Agradavel sensação de bem estar.
- 10.—Rápido restabelecimento nas conva'escentes.

App. pela D. N. S. P., em 27-4-1918, sob o N. 175

A cangica na terrina
Se lhe bolem, está tremendo...
Os teus mimos, meu bemzinho,
Quando moves vão mexendo.

A açucena quando nasce
Vem abrindo, vem fechando;
Meu amor, quando me enxerga
Vem todo se requebrando...

Cabellos

Uma descoberta cujo segredo custou 200 contos de réis

A Loção Brilhante é o melhor especifico para as affecções capillares. Não pinta porque não é tintura. Não queima porque não contém saes nocivos. E' uma formula scientifica do grande botanico dr. Ground, cujo segredo foi comprado por 200 contos de réis.

Analysada e autorizada pelos principaes Institutos Sanitarios do estrangeiro e Departamentos de Hygiene do Rio de Janeiro e S. Paulo.

Com o uso regular da Loção Brilhante:

- 1.º — Desapparecem completamente as caspas e as affecções parasitarias.
- 2.º — Cessa a queda do cabello.
- 3.º — Os cabellos brancos descorados ou grisalhos voltam á sua côr primitiva sem ser tingidos ou queimados.
- 4.º — Detem o nascimento de novos cabellos brancos.
- 5.º — Nos casos de calvie faz brotar novos cabellos.
- 6.º — Os cabellos ganham vitalidade, tornam-se lindos e sedosos e a cabeça limpa e fresca.

A Loção Brilhante é usada pela alta sociedade de S. Paulo e Rio.

A' venda em todas as pharmacias, drogarias e casas de perfumarias de 1.ª ordem.

TELEPHONE DO ESPECIALISTA

— Sim, minha senhora, é frequente, na gravidez, aggravar-se esse corrimento, que se chama leucorrhéa e do qual soffrem muitas moças e meninas porque abusam da saude e não se queixam ou não usam o remedio apropriado.

— O unico efficaç e inoffensivo é o BLENOL.

— E' urgente começar a tomal-o para evitar soffrimentos ao nasciturno e á mãe no acto da «de-livrance».

Lic. pelo D. N. S. P. em 20-5-1910, sob o n. 44

TOSSE

e MOLESTIAS do PEITO
usem sempre o

“GRINDELIA”
DE OLIVEIRA JUNIOR

— PODEROSO CALMANTE, TONICO
E EXPECTORANTE —

Pedir e exigir sempre: **“GRINDELIA OLIVEIRA JUNIOR”**

CASAS INDIANA

Camisaria, Perfumaria, Chapelaria e Alfaiataria

COSTUME

de tecido inglez sob medida

175\$000

:: Meias de seda, para senhoras ::

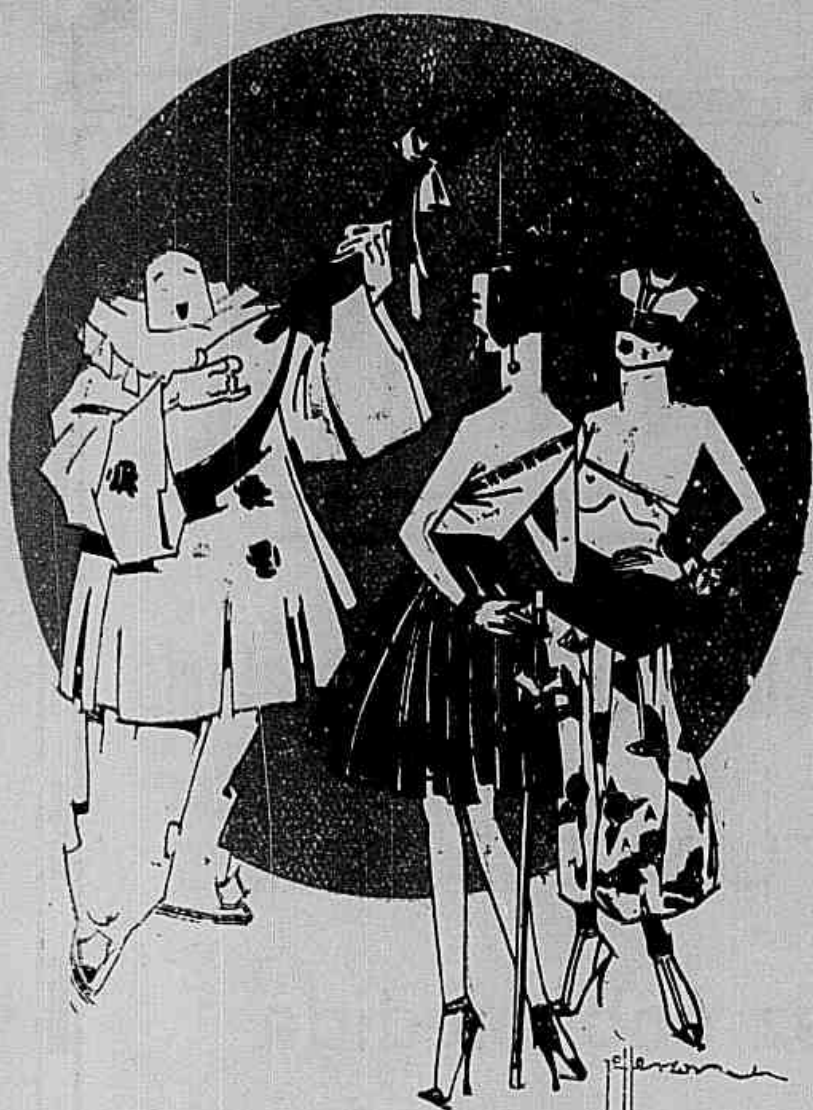
7\$500

..........
FILIAL:

RUA OUVIDOR, 134 - TEL. NORTE 1409

MATRIZ:

LARGO DE S. FRANCISCO, 24 e 26 - TEL. NORTE 6471



Ai, meninas, tenham pena
Do pobre Pierrot maguado
Pois do Jefferson é a culpa
Se sou de arame farpado!

ETERNO AMOR POR AUGUSTO GIL

Puz-me a reler as tuas cartas hoje.
Ha bons tres annos que m'as escreveste...
— Vê como o amor, vê como o tempo foge!

Entre uma d'ellas, na maior, metteste
(Naquelle dia para o que te deu!)
Umas folhas rendadas de cypresta...

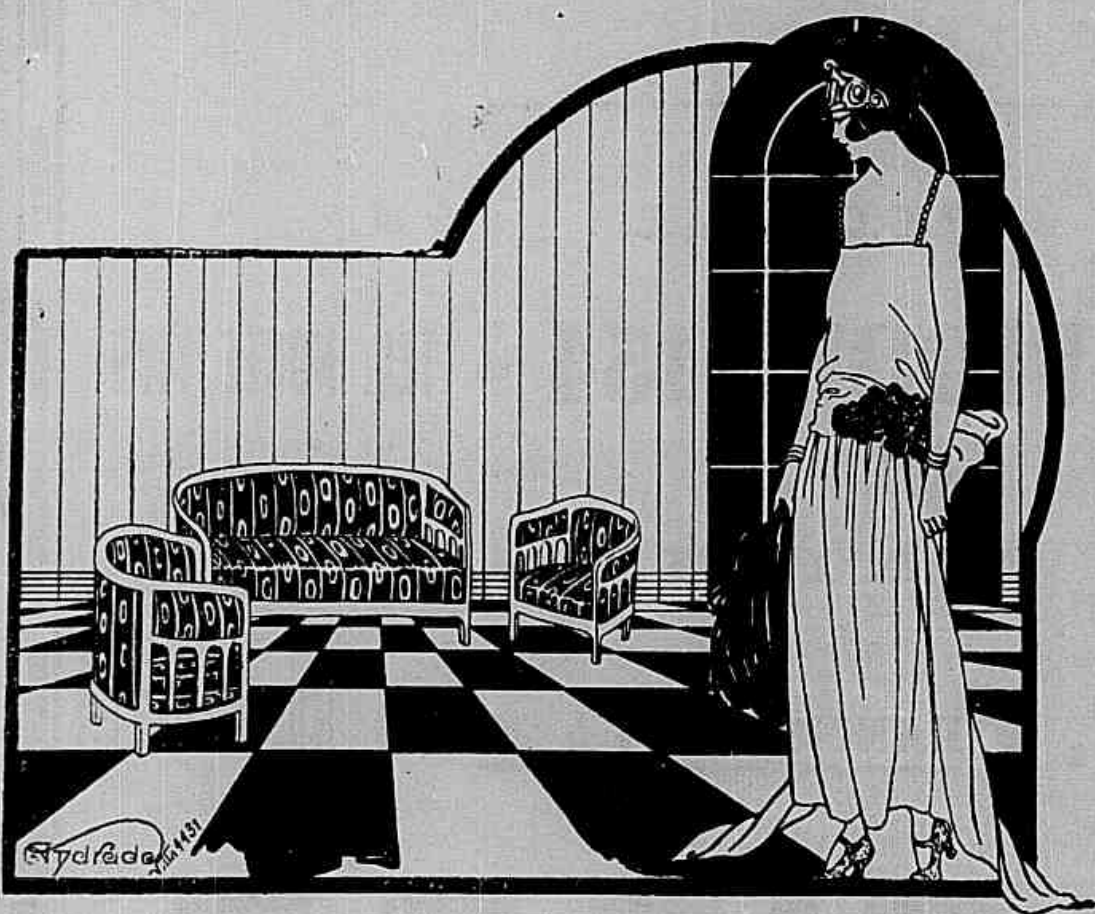
São trinta cartas de apertadas linhas
Todas de abril — do mez em que no céu
Já vôam as sagradas andorinhas —

«Juro-te amor eterno» uma dizia.
Pois afinal durou um mez por junto
O amor eterno. Quem o suporia!

Rezemos pelo defunto.
Padre Nosso, Ave Maria...

AUGUSTO GIL

LEÃO DOS MARES



ELEGANCIA...

Elegancia, factor de
belleza e harmonia, é a prin-
cipal característica do

LEÃO DOS MARES

Sala de jantar 1:100\$000

Dormitorio 1:200\$000

RUA DO PASSEIO, 110

(Largo da Lapa)

MOURÃO & AMERICO

Telephone Norte 822

O JUMENTO E O PORCO

(TRILUSSA)

No matadouro, á hora da matança,
O pobre de um jumento
Vendo um porco, como elle, condemnado
Ao cutello e á balança,
Cheio do mais profundo desalento
Disse: — Querido, é o termo do caminho,
E chorava, coitado,
Como um triste bezerro desmamado,
O pranto a lhe escorrer pelo focinho.

— Adeus, não nos veremos mais, dizia,
— Meu irmão, meu amigo! O porco, entanto,
Que é tranquillo e phiosopho lhe disse
Por sua vez: — Estanca esse teu pranto
E deixa de tolice.
— Adeus? Adeus porque? Porque morremos!
Deixa que venha a morte: a morte é bella!
Quem sabe se inda nos encontraremos
No pedaço de alguma mortadella!

LUIZ EDMUNDO

SILENO



— Pobre burrico!...
— Não se importem, não; eu estou be-
bado... «p'ra burro»!

(Des. Kalisto)

Os Velhos teem a palavra!

MELLO CUNHA & COMPANHIA, bateram o «Record» com a descoberta da oitava maravilha — Mais um pharol é lançado no mar da crença. — Cinco annos de SUCESSO equivale ao seculo de luz.

Porque A SAUDE DO HOMEM tem augmentado dia a dia a sua procura?

Porque A SAUDE DO HOMEM é o paraizo dos velhos?

Porque A SAUDE DO HOMEM faz de homens estereis paes de robustas crianças?

Respondam hoje mesmo, sem meditar, sem perguntar ao vizinho:

E' simples:

1. — porque offerecemos amostras gratis, livres de portes, porque temos a certeza de não falhar e cada pessoa, que uza uma dessas amostras, encontra melhora para seus males e mandam logo comprar um vidro:

2. — porque todos os velhos que uzam A SAUDE DO HOMEM, sentem-se logo mais fortes, mais alegres, cessam as genitas físicas e intellectuaes, como se tivessem uzado ou procurado elixir de longa vida.

3. — porque temos exemplos de cidadãos estereis, cazados a mais de oito annos e hoje, são paes de robustas crianças A SAUDE DO HOMEM não manda collocar cartazes nos hotéis, nos cinemas, nas barbearias, não! Vae gratis cura os doentes nas cidades, nas aldeias, etc., e em cada consumidor encontra um propagandista expontaneo, porqu ella se impõe a admiração de todos graças aos maravilhosos effeitos.

VELHO! OUVI! Lêde com attenção a carta seguinte, para hoje mesmo comprardes um frasco d'A SAUDE DO HOMEM. Mossoró, R. G do Norte 9 de Janeiro de 1915.

Illmo. Snr. Mello, Cunha & Comp. — Brejo — Maranhão.

Acha-se em meu poder a amostra do vosso optimo preparado — A SAUDE DO HOMEM, do que fiquei satisfeittissimo em uzar tão bella invenção pela qual a humanidade deve adorar como um Deus de Saude, pois é um debella-dor dos males que se acham gravados no organismo do homem. Desejo que Deus prolongue vossa vida, para lançar milhares e milhares de agradecimentos de todo o universo, pelo tão admiravel preparado, que para os fins do seculos ha de ser procurado como a serpente de bronze que Moyses erigiu aos Israelitas, por ordem de Deus, que todos quan-to a viam ficavam curados das picadas das cobras e das pragas. — Sem mais sou — De V. V. S. S. attor. respeitador

Th. Barbosa

A SAUDE DO HOMEM é receitado diariamente pelos srs. medicos, porque têm a certeza de que ella não contem absolutamente CATARIDA, nem outras substancias animal nociva e é por isso que — CURA impotencia (até a idade de 90 annos) Nervosismo, Falta de memoria, Beri-beri, Terrores nocturnos, Anemia, Insomnia, Falta de ap-petite, Neurasthenia, Dyspepsia, Linfatismo, Adnamia, Poluções nocturnas, Paralysis, Esgotamento nervoso, Fraqueza cerebral, Forunculos, Phosphaturia, Cansaços, Molestias da espinha, Rheumatismo, etc., etc.

Deposito: SCHILLING HILLIER & Co. Ltda. — Escriptorio e Deposito: RUA 1.ª DE MBRÇO, 4 — Telephone Norte 821

VANADIOL

**FORTIFICANTE INSUPERAVEL EM
TODOS OS CASOS DE FRAQUEZA
E EM QUALQUER IDADE
ACONSELHADO PELOS MEDICOS COMO O MAIS
EFFICAZ REVIGORADOR
DA
SAÚDE**



**BLÉNORRAGIA, CYSTITE,
CATHARRO DA BEXIGA**

Tratamento rapido e completo com a

*Injecção Anti Blenorrhagica, Capsu-
las citrinas e*

Licor de Alcatrão Composto de

MEDEIROS GOMES

Deposito: ALFANDEGA, 213 e AV. PASSOS, 86

Pharmacia N. S. Auxiliadora

Lic. pelo D. N. S. P. sob os ns. 573, 694 e 49

Numeros atrasados da A MAÇA

encontram-se a venda na Livraria BRAZ LAURIA
R. Gonçalves Dias, 78

SENTE-SE DESANIMADO ?

**PORQUE NÃO FAZ USO
DO**

ELIXIR DE SORÉT

**O TONICO NERVINO? EFFICAZ EM TODOS OS CASOS
QUE O MAL SEJA PROVENIENTE DOS NERVOS**

Readquir a sua força viril. Torne-se moço. Não é a idade que inutiliza o homem ou a mulher. São os nervos que necessitam o alimento indispensavel. Use o tonico **Sorét** composto de elementos vegetaes. Vende-se em todas as Drogarias e Pharmacias. Approvado pela Directoria de Saude Publica em 26-6-1919 sob N. 97

OLHOS

Inflamações e purgações

USE O

COLLYRIO MOURA BRAZIL

ADEUS RUGAS!

3.000 dollares de premios se ellas não desaparecerem

A mulher em toda a idade pôde se rejuvenescer e se embellezar. — E' facil obter-se a prova em vosso proprio rosto e em pouco tempo.

EXPERIMENTAE HOJE MESMO O «RUGOL»

Creme scientifico, preparado segundo o celebre processo da famosa doutora de belleza, mlle. Dort Leguy, que alcançou o primeiro premio no Concurso Internacional de Productos de Toilette.

RUGOL — Opera em vosso rosto uma verdadeira transformação, vos embelleza e vos rejuvenesce ao mesmo tempo.

RUGOL — Differe completamente dos outros cremes, sobretudo pela sua acção sub-cutanea, sendo absorvido pelos póros da pelle os preciosos alimentos dermicos que entram na sua composição.

RUGOL — Evita e previne as rugas precoces e pés de gallinha e faz desaparecer as sardas, panos, espinhas, cravos, manchas, etc.

RUGOL — Não engordura a pelle. Não contém drogas nocivas. E' absolutamente inoffensivo. Até uma criança recém-nascida poderá usal-o.

RUGOL — Dá uma vida nova a epiderme flacida, porosa e fatigada, emprestando-lhe a apparencia real da juventude.

GARANTIA! — Mlle. Leguy pagará mil dollares a quem provar que ella não tirou completamente as suas proprias rugas com duas semanas de tratamento apenas.

Mlle. Leguy offerece mil dollares, a quem provar que ella não possui oito medalhas de ouro ganhas em diversas exposições pela sua maravilhosa descoberta.

Mlle. Leguy pagará ainda mil dollares a quem provar que os seus attestados de curas não são espontaneos e authenticos.

AVISO — Depois desta maravilhosa descoberta innumeros imitadores têm apparecido de todas as partes do mundo. Por isso prevenimos ao publico que não acceite substitutos, exigindo sempre:

RUGOL

Mme. Harry Vigier, escreve:

"Meu marido, que em sua qualidade de medico, é muito descrente por toda a sorte de remedios, ficou agradavelmente surprehendido com os resultados que obtive com o uso do RUGOL e por isso tambem assigna o attestado que junto lhe envio.

Mme. Souza Valence, escreve:

"Eu vivia desesperada com as malditas rugas que me afciavam o rosto e depois de usar muitos cremes annunciados, comecei a fazer o tratamento pelo RUGOL obtendo a desaparição não só das rugas, como das manchas, modificando a minha physionomia a ponto de provocar a curiosidade e admiração das pessoas que me conheciam".

Encontra-se nas boas pharmacias, drogarias e perfumarias. Se v. s. não encontrar RUGOL no seu fornecedor, queira cortar o coupon abaixo e nos mandar que immediatamente lhe remetteremos um pole.

Unicos cessionarios para o America do Sul: — ALVIM & FREITAS, rua do Carmo, 11 - sob, — Caixa, 1379.

COUPON — SRS. ALVIM & FREITAS, caixa, 1379 — S. Paulo:

Junto remetto-lhes um vale postal da quantia de 15\$000, afim de que me seja enviado pelo correio um póte de RUGOL:

NOME

RUA

CIDADE

ESTADO



Alfinetes são ciumes,
Agulhas variedade,
A mulher é que nem cobra
Bicho de toda maldade.

UMA POSITIVA PROVA DE MERITO

A Preparação do Dr. Crossman é um medicamento interno para combater effizamente a Gonorrhéia aguda ou chronica e todas as doenças venereas de ambos os sexos.

A acção benefica da Preparação do Dr. Crossman sobre as mucosas infectadas e inflammadas, é augmentada pela acção de outras substancias componentes que facilitam a secreção e expulsão da urina. N'isto consiste precisamente o seu extraordinario valor para a cura das inflammções dos rins e bexiga e outras enfermidades semelhantes.

Não produz sensação ou effeito desagradavel no estomago ou rins e torna desnecessarias injeções e irrigações. Um frasco de ensaio provará o seu merito; dois frascos bastam para os casos usuaes.

A Preparação do Dr. Crossman cumpre maravilhosamente o que outros tratamentos não passam de prometter.

A venda em todas as principais Pharmacias e Drogarias.

LOTERIA FEDERAL

SABADO 28 - 100.000\$000

Inteiro, 7\$700 — Decimo, \$800

UNICA official.

UNICA fiscalizada pelo Governo Federal.

UNICA por cujos premios responde o Thesouro.

UNICA extraída á vista do publico nesta Capital.

CAPITAL: 3.000 contos com o deposito de 500 contos no Thesouro.

PREDIO proprio, á Rua 1.º de Março, 110, com frente para á Rua Visconde de Itaboraí, 67. Extracções diarias ás 2 1/2, e ás 3 horas aos sabbados.

Pedidos de bilhetes com mais 900 réis para o porte.

Modas
de
Paris

Vestido ultimos modelos

para Passeio;

para Theatro;

para Soirée;

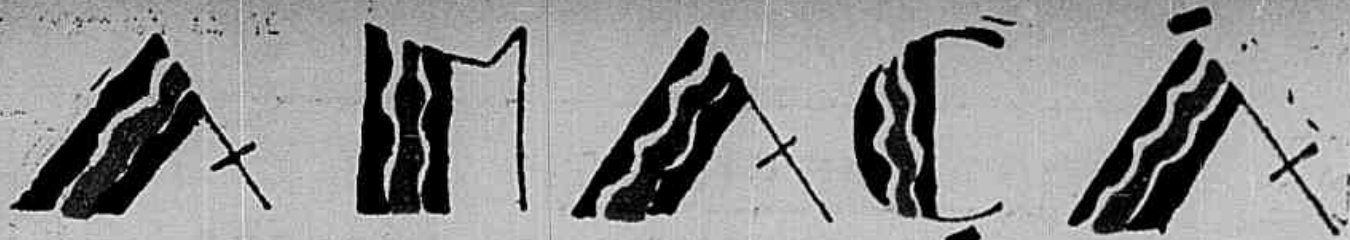
para Sport.

Em exposição nos grandes salões de:

Notre Dame de Paris

Ao 1.º Barateiro

A' BRASILEIRA



DIÁRIO

CONSELHEIRO XX

N. 159 ANNO. IV



Rio de Janeiro, 21 de Fevereiro de 1925

A MÃE



ME. Rocha Guedes, com os seus quarenta annos alegres, era, ainda, uma creatura desejavel. Muito branca, olhos muito negros, parecia toda de leite, e coroada de treva. E não parecia menos moça, menos vaidosa, mesmo em companhia da filha, a Enedina, que atravessava o mundo, no momento, com todo o vício, todo o esplendor, toda a frescura das dezoito primaveras. — «E' sua irmã mais moça?» perguntavam, às vezes, lisonjeando-a, a madame. E a filha indicando-lhe a mãe: — «E' sua irmã mais velha?». Em fevereiro do anno passado, pelo Carnaval, madame conheceu no Copacabana-Palace, no primeiro baile de mascaras que alli houve, o Barroso Gomes, com quem dansou furiosamente nessa noite, e, ainda mais, na de terça-feira gorda, quando foi por elle conduzida á casa, já de manhã. Dias depois, porém, o Barroso conhece mãe e filha. E como visse nesta, nos seus encantos e nas suas maneiras, as possibilidades de uma esposa modelar, pediu-a em casamento e casou. Na manhã seguinte á da cerimonia, madame chamou a rapariga em particular: — «Passaste bem, minha filhinha?» — «Assim, assim, mamãe...» — «Não estás, então, satisfeita? Como achaste o teu marido?» — «Um pouco frio, mamãe: acheio-o um pouco frio». — «E' assim mesmo, minha filha» tornou, triste, a dama. E sacudindo a cabeça, com o pensamento longe, muito longe, no Carnaval de 1924: — «Eu tambem o achei...»

CONSELHEIRO X. X.

COMO EU ME DIVERTI!

CONTO - COMEDIA

DE

DE

CARNAVAL

ARTHUR AZEVEDO

PERSONAGENS

JORGE, empregado no commercio, negociante, socio principal da firma
O COMMENDADOR ANDRADE, Andrade, Gomes & Companhia.

UM MEDICO.

DONA MARIA, excellente senhora de meia idade, estabelecida com casa de alugar commodos a moços solteiros.

A acção passa-se no Rio de Janeiro, em quarta-feira de cinzas. Actualidade.

ACTO UNICO

A scena representa a sala e a alcova que Jorge occupa em casa de dona Maria. Atirado sobre um velho canapé, um habito de frade encardido de suor e sujo de lama. No chão, um par de luvas, egualmente sujas, e um nariz de papelão quasi a desfazer-se, preso a uns grandes bigodes e a um par de olhos.

SCENA PRIMEIRA

Dona Maria, O Medico.

O MEDICO.

Que tem elle?

DONA MARIA.

Não sei, doutor, não sei. O senhor Jorge tem muito bom coração, mas tem muito má cabeça: é doido pelo Carnaval.

O MEDICO.

Gabo-lhe o gosto.

DONA MARIA.

Hontem vestiu-se de frade, poz aquelle nariz postico e andou, num carro todo enfeitado de flores, ao lado de uma sujeita que mora no hotel Ravot, acompanhando um prestito. Só o vestuario da pelintra lhe custou perto de oitocentos mil réis!

O MEDICO.

Quem lhe disse?

DONA MARIA.

Os meus hospedes não têm segredos para mim.

O MEDICO

Adiante.

DONA MARIA.

Para se não constipar, o pobre moço levou consigo, por baixo do habito, uma garrafa de cognac, e de vez em quando aticava-lhe que era um gosto! Quando o prestito passou pela primeira vez na rua do Ouvidor (eu estava lá...), já ia o frade que não se podia lambar! Depois, na rua da Constituição — isto sei eu por um amigo d'elle, que tudo viu — outro moço, tambem, phantasiado, bifou-lhe a pelintra, e isso deu logar...

O MEDICO.

...a um rolo! Podera!...

DONA MARIA.

Racharam-lhe a cabeça!

O MEDICO.

Naturalmente.

DONA MARIA.

E o demónio do rapaz andou toda a noite, de cabeça rachada, á procura da tal mulher dos Fenianos para os Tenentes e dos Tenentes para os Democraticos, bebendo sempre, até cahir na rua do Fogo, ás tres horas da madrugada!...

O MEDICO.

Com effeito!

DONA MARIA.

A policia levou-o para a estação da travessa do Rosário, e pela manhã uns amigos, que tinham sido avisados, trouxeram-no para casa.

O MEDICO.

Onde está elle?

DONA MARIA.

Naquella alcova. Ha cinco horas que alli está deitado, sem dar accordo de si. Por isso, mandei chamal-o, doutor.

O MEDICO.

Fez bem. Vamos vê-lo.

Entram na alcova.

SCENA II

Jorge, O Medico, Dona Maria.

Na alcova, Jorge está de cama, com a cabeça amarrada, os olhos fechados, os braços cahidos. O medico, ao ver o enfermo, tem um movimento que escapa a dona Maria.

O MEDICO, tomando o pulso ao doente.

Não tem febre. (Depois de examinar-lhe a cabeça). O ferimento nada vale... Já lhe puzeram uns pontos falsos; é quanto basta... O seu hospede tem apenas o que os estudantes chamam uma «ressaca»; precisa de descanso e mais nada. Quando voltar a si, se quizer tomar alguma coisa, dê-lhe uma canja, dous dedos de vinho do Porto misturado com agua de Vichy, um pouco de marmelada, e disse. Se amanhã continuar incommodado, que tome um laxante



COMO EU ME DIVERTI!

Conto-comédia de Carnaval de

ARTHUR AZEVEDO

SCENA III

O Medico, Dona Maria.

Na sala.

O MEDICO, tomando o chapéo:

A senhora não imagina como estimei ter sido chamado para ver este senhor Jorge! Foi uma providencia!

DONA MARIA.

Porque, doutor?

O MEDICO.

Conheço-o, mas não sabia que se tratava d'elle. E' o namorado, o quasi noivo de minha afilhada, filha do meu velho amigo Raposo. A menina gosta d'elle, e o pae já estava meio inclinado a consentir no casamento: tinham-lhe dado boas informações sobre este pandego. Agora, porém, vou prevenir o compadre, e dissuadir minha afilhada, que é muito docil e me ouve com acatamento.

DONA MARIA.

Valha-me Deus! e sou eu a culpada de tudo isto!

O MEDICO.

Culpada, porque?

DONA MARIA.

Por ter mandado chamar o padrinho! Pobre rapaz!...

O MEDICO.

A senhora deve estar, pelo contrario, satisfeita, por ter indirectamente contribuido para este resultado. (Voltando-se para a alcova.) Que grande patife! namorar uma menina pura como uma flor, e andar de carro, publicamente, embriagado, em companhia de uma prostituta!

DONA MARIA.

No Carnaval tudo se desculpa.

O MEDICO.

Nada! — eu sou o padrinho, o segundo pae daquelle anjo!

Vae sahindo.

DONA MARIA, tomando-o pelo braço.

Doutor, doutor, não vá assim zangado com o senhor Jorge... não diga nada á familia da menina... Ah! se eu soubesse... Mas que quer?... Vejo que este hospede tem segredos para mim... (O doutor tenta safar-se). Ouça, doutor... elle tem um bom emprego... é muito estimado pelos patrões...

O MEDICO.

E a minha afilhada tem um dote de cento e cinquenta contos!

DONA MARIA, atterrada, largando o braço do medico.

Cento e cinquenta contos!

O MEDICO, sahindo.

Fôra o que lhe ha de caber por morte do pae! (Chegando á porta, pára, volta-se e diz:) Canja... vinho do Porto... agua de Vichy... marmelada... e disse!

Sac.

SCENA IV

Dona Maria, depois Andrade.

Dona Maria fica perplexa, de olhos baixos, na attitude de Phedra, quando diz:

«Juste ciel! qu'ai-je fait aujourd'hui?»

E' despertada bruscamente pelo commendador Andrade, que entra com grande espalhafato.

O COMMENDADOR, gritando.

Onde está o senhor Jorge?

DONA MARIA, comsigo.

Um homem zangado! E' elle, é o pae da menina!...

O COMMENDADOR

Senhora, pergunto-lhe pelo senhor Jorge!

DONA MARIA.

Está doente... naquella alcova... dorme...

O COMMENDADOR.

Já me contaram as façanhas que elle praticou esta noite! (Apanhando o nariz postico). Cá está uma prova! Atira-o longe.

DONA MARIA.

Desculpe-lhe essa rapaziada e não lhe negue a mão da menina.

O COMMENDADOR.

A mão da menina! Que menina?

DONA MARIA.

Sua filha.

O COMMENDADOR.

Minha filha? Qual dellas? Pois este mariola ainda em casa se atreve a erguer os olhos para uma das filhas do seu patrão!

DONA MARIA.

Do seu patrão? Ah! então não é o senhor Raposo?

O COMMENDADOR

Que Raposo nem meo Raposo! Eu sou o commendador Andrade, socio principal da firma Andrade, Gomes & Companhia! — O senhor Jorge está dormindo, disse a senhora...

DONA MARIA.

Sim, senhor.

O COMMENDADOR

Pois bem; quando accorder, diga-lhe que eu aqui estive, e o ponho no olho da rua! Que appareça para fazermos contas!

DONA MARIA.

Attenda, senhor commendador!

O COMMENDADOR

A nada attendo! A casa Andrade, Gomes & Companhia não pôde ter empregados que se embriagam e passam a noite no xadrez! Era o que faltava!

Sae arrebatadamente.

SCENA V

Jorge, Dona Maria.

Na alcova.

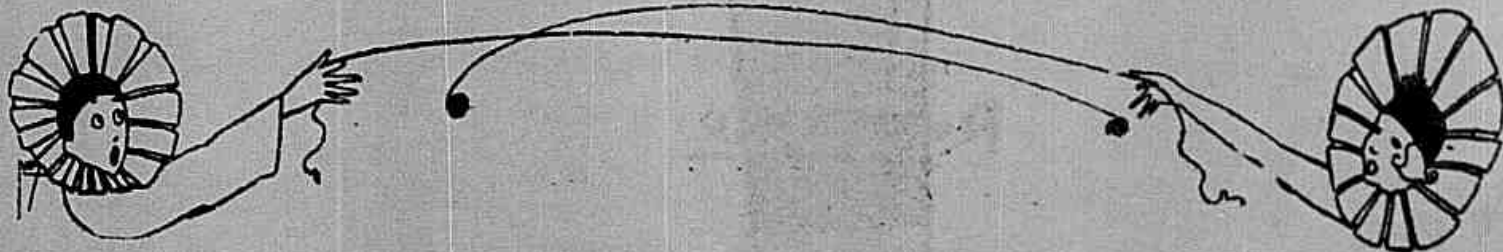
JORGE

Abre um olho, depois o outro, olha em volta de si, certifica-se de que está em sua casa, dirige a dona Maria um sorriso de agradecimento, solta um longo suspiro, e exclama com voz rouca e sumida.

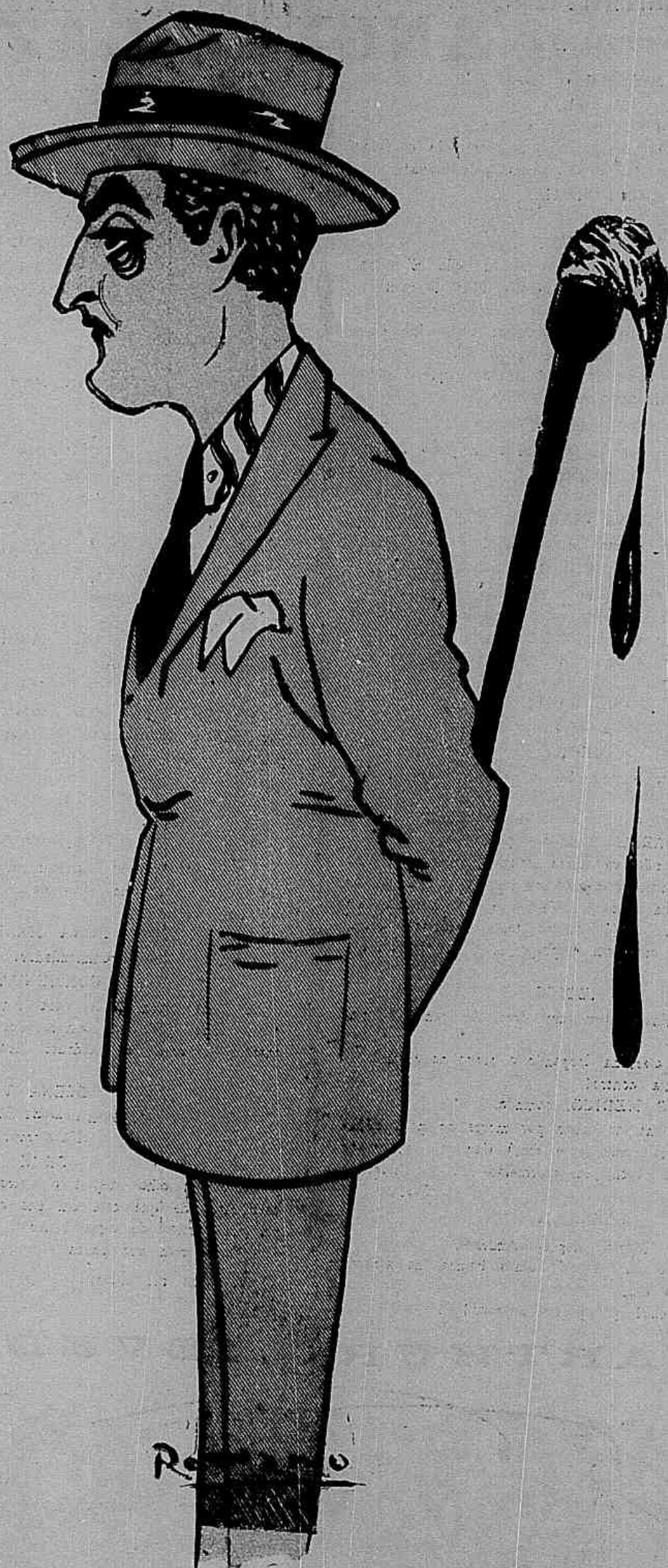
Como eu me diverti!...

Cae o panno.

ARTHUR AZEVEDO



GENTE DA «BROCHA»



ANGELO LAZARY

(Antigo decorador do prestito dos Tenentes)

GENTE DA «BROCHA» ANGELO LAZARY

O scenographo de nomeada é, no Rio de Janeiro, nas proximidades do Carnaval, a pessoa mais importante da cidade. Na faina de vencer, na febre de triumphar sobre os competidores, cada club se esforça por attrahir-o, ou por conservá-lo no seu seio, forjando-lhe a victoria com o pincel. D'ahi, a popularidade de certos nomes, pronunciados a cada esquina:

- E' o Jayme Silva!
- E' o Lazary!
- E' o André Vento!
- E' o Marroig!

Angelo Lazary é, contudo, dos mais populares. Nascido no Rio de Janeiro em 1887, não foi, nas suas origens, um carnavalesco.

— O Angelo ha de ser padre! — dizia o pae.
E a mãe:

— Ainda hei de ouvi-lo dizer a missa-nova, e ha de ser na Candelaria, se Deus Nosso Senhor quizer!

A medida, porém, que o menino crescia, mais se accentuava o seu retrahimento, a sua soturnidade, a sua mudez.

— Não; não pode ser padre, — concluiu o pae.
E desolado:

— Como ha de elle pregar no pulpito, se é uma difficuldade para se lhe arrancar uma palavra?

Lazary padecia, realmente, da molestia de laconismo. Uma estatística feita pela familia, mostrou que elle, no dia em que falou mais, proferiu onze palavras; e dias ha em que não profere uma só.

Nascido, assim, mais para a meditação do que para a conversa, o moço carioca estava indicado, naturalmente, para a carreira das artes. Os retratos não falam, nem querem que se fale. E d'ahi a-har-se Lazary, aos dezotto annos, matriculado na Escola Nacional de Bellas-Artes, onde foi, desde a entrada, um dos alumnos mais distinctos.

Aos vinte annos, fazia Lazary o seu curso quando um amigo o convidou:

— Queres ganhar uns acobres?

— Em que?

— Retocando um scenario, no «Recreio». Duas lambuzadelas, e terás os teus cem mil réis.

O estudante accitou o convite, e foi. Tratava-se d'«A Filha do feiteiro», que alli estava sendo levada pela Companhia Miranda. E com tal gosto, com tal pericia se desempenhou da incumbencia, que, no dia mesmo da exhibição, foi convidado por Aniz Fernandes para pintar os scenarios da revista «Pega na chaleira», os quaes obtiveram retumbante successo.

Artista de fina tempera, Lazary tinha, necessariamente, de triumphar. Adorando o estudo, e aperfeiçoando-se nelle, chegara a combinações maravilhosas de cores. E essa manifestação de sensibilidade que daria ao pintor a gloria da originalidade, havia de, forçosamente, fazer a popularidade do scenographo.

A datar d'ahi, estava lançado o futuro Rei do Carnaval. Contractado para scenographo do theatro São Pedro, começou a pintar, alli, e para outros theatros da empreza

Paschoal Segreto, scenarios que eram verdadeiras maravilhas, mimos de graça e de harmonia, revelladores de um mestre. O scenario da «Aranha Azul», por exemplo, chegou a attrahir para alli os mestres da pintura, que se retraviam penalizados por ver empregados em trabalho tão precario e transitorio, tanto engenho, tanta arte, tanta imaginação.

Já por esse tempo havia, porém, Angelo Lazary patentado, aqui fora, ao ar livre, a sua capacidade de decorador carnavalesco. Organizador do prestito local do Club da Tijuca, e, no anno seguinte, de um outro da Cidade Nova, em 1916 recebia o scenographo do São Pedro a incumbencia de organizar o dos Democraticos, com carta branca da Directoria.

Toda a gente sabe, no Rio, a responsabilidade que constitue, aqui, a organização de um prestito de qualquer dos tres grandes clubs, e, ainda mais, o dos Democraticos. Centenas de milhares de pessoas, talvez um milhão, vão ser os juizes do pleito formidavel. E d'ahi a necessidade de imaginação para idear os carros, de capacidade artistica para decorá-los, e de conhecimentos technicos para pô-los em movimento. Por isso mesmo, dizia, uma vez, o embaixador Gastão da Cunha:

— O presidente da Republica devia ser escolhido entre os organizadores dos prestitos carnavalescos.

E explicava:

— Porque, quem movimenta tudo isso, todas essas rodinhas de uma vez, é capaz de prover todas as necessidades de um paiz!

O successo dos Democraticos em 1916 consagrou Lazary. E foi esse successo que se repetiu em 1917, 1919 e 1920, quando entrou em repouso, por necessidade do esforço empregado. Em 1922 e 1923, voltava á actividade, organizando o prestito dos «Tenentes do Diabo», recordando-se toda a gente o que foi, nesse ultimo anno, a victoria obtida na admiração popular pelo carro «Paraizo das Serpentes», trabalho fantástico e monumental, de grande artista e grande tecnico.

Este anno, não figurará Lazary com a sua arte nos prestitos carnavalescos. Contractado vantajosamente para o interior, está, a esta hora, em Uba, em Minas, organizando o prestito dos «Dragões», d'aquella cidade. E de toda a parte accorre, já, para alli, a legião dos curiosos, para ver a obra de mestre com que o grande scenographo brasileiro vai encantar os conterraneos de Raul Soares.

Uma cousa tem, entretanto, entristecido ultimamente os amigos de Angelo Lazary: a sua paixão pela radiophonia, em detrimento do pincel. Tudo, para elle, agora, são antenas e phones.

— Mas explica-se, — informava Pepita de Abreu, ha dias. — O Lazary gostou, sempre, mais de ouvir do que de falar. E haverá companheiro melhor para elle do que um aparelho radiotelephonico, que fala e não espera pela resposta?

E é pena; porque, a verdade, é que o Rio, pelo Carnaval, tem saudades de Lazary.

PAGINA PORTUGUEZA

PIERRETTE

POR

JULIO DANTAS

Meu velho: — Escrevo-te ás 3 da madrugada de terça-feira gorda, no Monte Estoril, fechado num pequeno quarto do «Hotel de Italia». Cheguei, de automovel, há pouco mais de uma hora. Fugido do Carnaval? — perguntarás tu. Não. Trazido pelo Carnaval. Foi uma «Pierrette» côr de rosa que me trouxe, uma encantadora «Pierrette» de dezoito annos cujos pés cabem na minha mão fechada, e que eu fui encontrar por acaso, no turbilhão d'um baile de mascaras, chorando sobre uma taça vazia de champagne. Enquanto ella dorme, no quarto contiguo ao meu, o seu somno de criança tres vezes desgraçada, venho eu contar-te o que foi o nosso passeio, num horrivel «Benz», desde Lisboa até aqui. Tu, que colleccionas almas de mulher com a mesma delicada voluptuosidade com que o meu velho tio Marques colleccionava joias antigas, deves encontrar um certo interesse na historia dessa «petitte Pierrette rose» que eu conheço apenas ha tres horas, de quem me aproximou um simples movimento de curiosidade sensual, e a quem acabei por beijar na testa com o natural sentimento de respeito com que beijaria uma irmã.

Pode ter historia uma pequena de dezoito annos? Ah, meu amigo, — só não tem historia quem é feliz. Quando a encontrei, em pleno baile, assentada no jardim de inverno, a mascara no regaço, um lenço de rendas nos olhos, — a sua mocidade, as suas lagrimas, a sua pelle dourada de trigueira, atrahiram-me, interessaram-me, d'gamos a palavra justa: excitaram-me. Eu já tinha visto, fosse onde fosse, aquella cara, aquella bocca sinuosa, rasgada, infantil, aquelles cabellos d'um tom quente de tabaco de Espanha, vagamente mordidos de scentelhas de ouro, onde pousava, como uma flor, um pequeno bicornio de setim côr de rosa. Mas quando, aonde, — se todas as mulheres se parecem tanto e nos interessam tão pouco? Perguntei-lhe, delicadamente, porque chorava. Repousou em mim, um instante, os seus grandes olhos pretos humidos de lagrimas e pronunciou o meu nome. Donde me conhecia? — inquiri. Não respondeu. Levantou-se, cobriu de novo a face com a meia-mascara de velludo, e agarrada ao meu braço, a tremer, n'uma convulsão de choro, supplicou-me, pelo amor de Deus, que a levasse do baile. Sahimos. Um nevoeiro espesso e frio, cortava. Chamei o primeiro automovel. Era um velho «Benz», impregnado de um perfume morno de mulher.

— Dá-me licença que a leve á sua casa?

— Não tenho casa...

Olhei, num instante de hesitação, esse corpo fragil de creança que se amparava tremendo ao meu braço; tive a impressão vaga e incerta de que o sentia desfallecer; ergui nas mãos, com a leveza num brinquedo, aquella nuvem de setim côr de rosa onde um pequenino coração palpitava; aninhei-a no fundo do automovel; cobria-a carinhosamente com o meu sobretudo, para a resguardar do frio da noite, — e cingindo-a a mim, não sei ainda bem se num movimento de volupia se de piedade, gritei para o «chauffeur»:

— Estoril.

Foi durante o caminho, debaixo do meu braço como uma

ave friorenta, que ella me contou a sua historia. Chamava-se Thereza. Andara, como todas as raparigas que se perdem, — aos pontapés na vida «C'est l'éternelle chanson.» Correrá, como uma joia, de mão em mão. Tinha já conhecido muitos homens, — quando um dia amou o primeiro homem. Sabes quem elle era? O pobre Nuno B., que morreu ante-hontem, com vinte e dois annos. Encontrou-a corista n'um theatro — e adorou-a. Tu conhecestes-o. Um lindo rapaz, — louro, delicado, franzino, doente, um pouco parecido com o «Cesário Verde» de Columbano, herdeiro do typo inglez e da tara tuberculosa da mãe. Ao fim de um anno de paixão e de loucura. Nuno teve a primeira hemoptise. O pae, alarmado, levou-o para a Suissa e mettu-o no «Waldsanatorium» de Davos. Inutil. O pobre rapaz não podia viver sem a amante — e fugiu para Portugal. Depois de nova crise amorosa, a doença aggravou-se; Nuno foi transportado para a Guarda, e, passados dois mezes de profunda depressão com tentativas de suicidio, removeram-n'o para Lisboa, onde chegou moribundo. No delirio, gritava pela amante, chorava, pedia ao pae que o deixasse morrer ao pé della. A questão foi posta aos medicos. Resolveu-se chamar

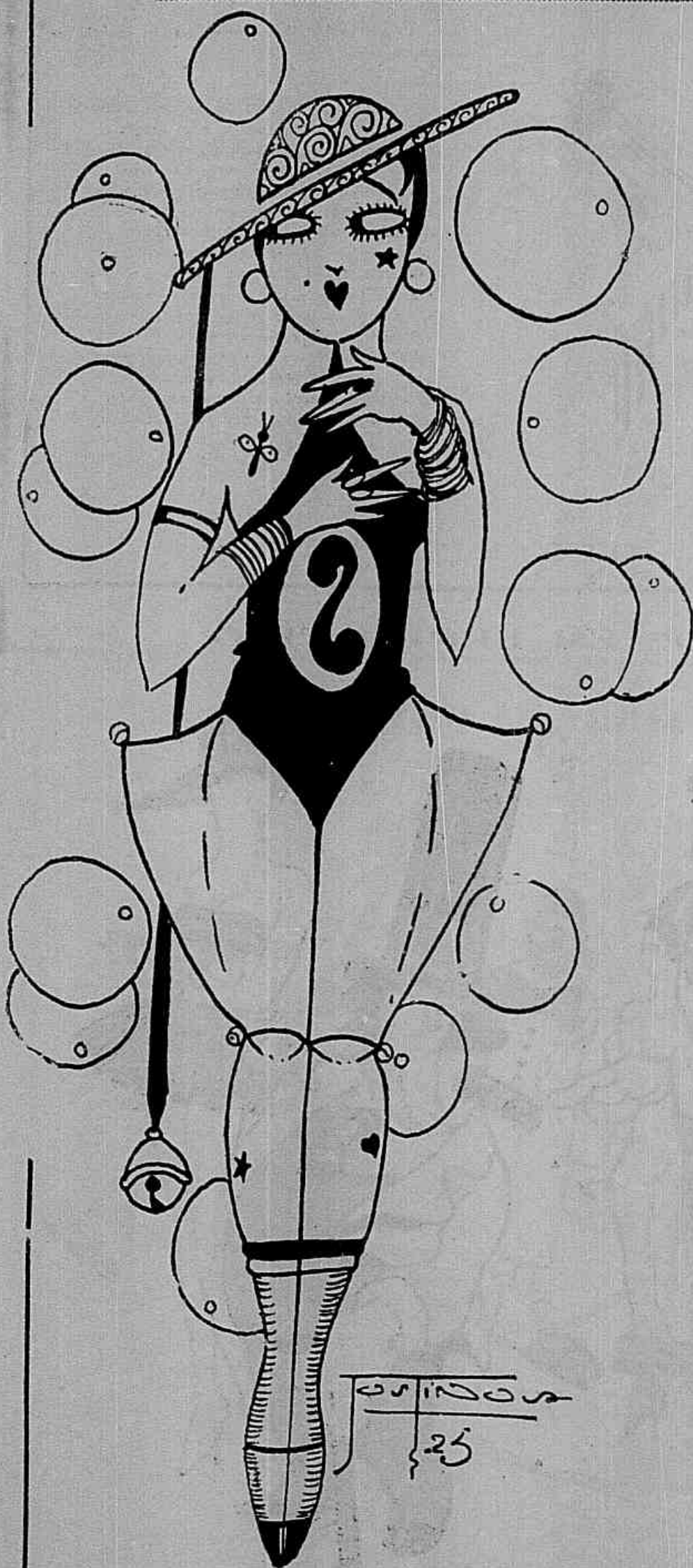
a pobre rapariga, e perguntar-lhe se queria installar-se, como enfermeira, á cabeceira do doente. Thereza acceitou. N'um alvoroço, sorria e cahiam-lhe as lagrimas. Poder dedicar-se, poder soffrer, poder morrer pelo unico homem que amara na vida, — onde haveria maior felicidade para ella? Vencidos os ultimos escrúpulos da severidade paterna, Thereza, a tremer de commoção, foi recebida como familia na casa dos Viscondes de B., e nunca mais, durante trinta e oito dias, abandonou um só instante o leito de Nuno. Foi nos braços della que elle morreu ante-hontem, illudido, feliz, tendo conhecido ao fim da vida, na ternura d'uma só mulher, todo o amor d'uma mãe, d'uma amante e d'uma irmã. Quando a pobre creança, extenuada de soffrimento e de vigi-

lias, julgava merecer ao menos uma palavra de gratidão á familia d'aquelle a quem tanto amara, — sabes como lhe pagaram? Mandando-a sahir de casa pelos criados, — ainda o cadaver de Nuno estava quente. Thereza, cheia de dôr e de vergonha, acolheu-se á casa d'uma amiga. Levou um dia inteiro de bruços sobre a cama, chorando. De noite, ardeu em febre, teve delirio, pavores horribes, — via em toda a parte o seu Nuno, ouvia-o chamar por ella, adivinhava-lhe a pallidez, sentia-lhe o suor viscoso das mãos. Hoje mandaram-lhe umas dezenas de mil réis, como retribuição por serviços de enfermagem. Era a suprema affronta. Devolveu-os, intactos. A' dor, succedeu, na alma de Thereza, a revolta. Era Carnaval. Quiz aturdir-se, embebedar-se, esquecer, — e, meu caro amigo, a pobre «Pierrette» côr de rosa, exausta de commoção e de fadiga, que eu fui encontrar chorando no jardim de inverno d'um theatro, dorme agora aqui, tranquillamente, n'um quarto contiguo ao meu, cheia de confiança n'este eterno romantico que a beijou na testa como beijaria uma filha, e que não sabe ainda ao certo o que há de fazer della amanhã...



JULIO DANTAS

CARNAVAL, por HERMES FONTES



Falso Pierrot! amo esse rosto,
mesmo através de tuas tintas.
Em vão, me illudes! no alvo rosto,
tens expressões das mais distintas
que em rosto humano se hajam posto.

Amei teus olhos, nesse dia,
e o teu olhar nem reparou!
Enquanto o meu fervia, ardia,
tu cabriolavas na folia,
falso Pierrot!

Não mais voltei a mim do espanto
de ter amado um rosto falso!
Mas, porque o tinha amado tanto,
guardei-o, guardo-o com encanto,
em sonho e verso, o lembro e exalto!

Depois... ouvi que o teu amante
ciumento e mão, te apunhalou!
E eu que te amei, um só instante,
eu te amaria, tão confiante,
falso Pierrot!

Hontem, a festa, a orgia franca,
teus labios humidos de vinho:
Hoje, ninguém o sangue estanca
que te humedece a carne branca,
da côr do teu pierrot de arminho!

Sonhaste alguém másculo e forte...
Só eu te amei, nenhum te amou!
Mas escolheste outro consorte...
O Amor é cúmplice da Morte,
Pierrot, Pierrot!

Para, a ti mesma, te enganares,
ó Colombina desditosa,
foste Pierrot; e, em meio aos pares,
davas o collo a mil olhares,
desabrochando em dupla rosa...

E aquella flôr de essencias vivas
tantas paixões desencadeou,
que, diante d'ella, os teus convivas
todos, te ergueram mãos lascivas,
todos, Pierrot!

Nas cinzas desta quarta-feira,
dormes. Nas cinzas porvindouras,
teu corpo, em cinza quasi, em poeira,
dará mais cinza á quarta-feira
que com teu sangue malagouras...

Pois não quizeste um beijo forte?
O beijo veio... e te esfolhou...
Tinha de ser assim... E' a sorte...
O Amor é cúmplice da Morte:
Morre, Pierrot!

HERMES FONTES

COLOMBINA, PAGINA DAS "MASCARAS", DE MENOTTI DEL PICCHIA

És linda, meu amor! Nessas formas perpassa
na cadencia do Rythmo, a leveza da Graça.
Teus braços musicaes, curvos como perfidias,
têm garbo sensual de uma estalua de Phidias...
Não sendo inda mulher, nem sendo mais creança,
encarnas, grande e viva, a Flor de Liz de França...
Sobe da anca uma curva ondulante que chega
A teu corpo plasmar como uma amphora grega,
É teu vulto triumphal, longo, heraldico, esgalgo,
Colleante como um cysne e esbelto como um galgo!

COLOMBINA, fascinada:

Lindo!

ARLEQUIM

E não disse tudo... E não disse do riso
bohémio como um ebrio e claro como um guiso
E ainda não fallei dessa voz de sereia
que, quando chora, canta, e quando ri, gorgoeja...
Não fallei desse olhar, cheio de magnetismo,
que fulge como um astro e attrae como um abysmo,
e do beijo, que como uma caricia louca,
inda canta em meu labio e inda sinto na bocca!

COLOMBINA, com uma voz sombria de
volupia:

Falla mais, Arlequim! Tua voz quente e langue
Tem lascivo sabor de peccado e de sangue.
O venenoso amor que tua bocca expelle
põe-me gritos na carne e arrepios na pelle!
Falla mais, Arlequim! Quando te escuto, sinto
o desejo explodir das potencias do instincto,
o brado da volupia insopitada, a furia
do prazer latejando em uivos de luxuria!
Falla mais, Arlequim!... Dize o ardor que enlouquece
a amada que se lóca, e aos poucos desfallece,
e que, cega de amor, labio exangue, olhar pasmo,
agoniza num beijo e morre num espasmo!
Falla mais, Arlequim! Do monstruoso transporte
que resumindo a vida, aneia pela morte,
dessa angustia fatal, que é o supremo prazer
da gloria de se amar, para depois morrer!

MENOTTI DEL PICCHIA

"MALHANDO" EM FERRO FRIO



O PESSOAL — Quem é? Quem é? Quem é?

O VELHOTE — Mas, será possível que, ha tres annos que eu appareço, e ninguem
conhece o Cardoso?

ULTIMO CARNAVAL POR OLAVO BILAC

Incela de Suburra ou de Sybaris,
Nasceste em saturnal; viveste, estulto,
Na folia das feiras, no tumulto
Dos caravancarás e dos bazares;

Morreste, em plena orgia, entre os esgares
Dos arlequins, no delirante culto:
E a saudade terás, depois sepulto;
Herói folião dos carnavaes hilares...

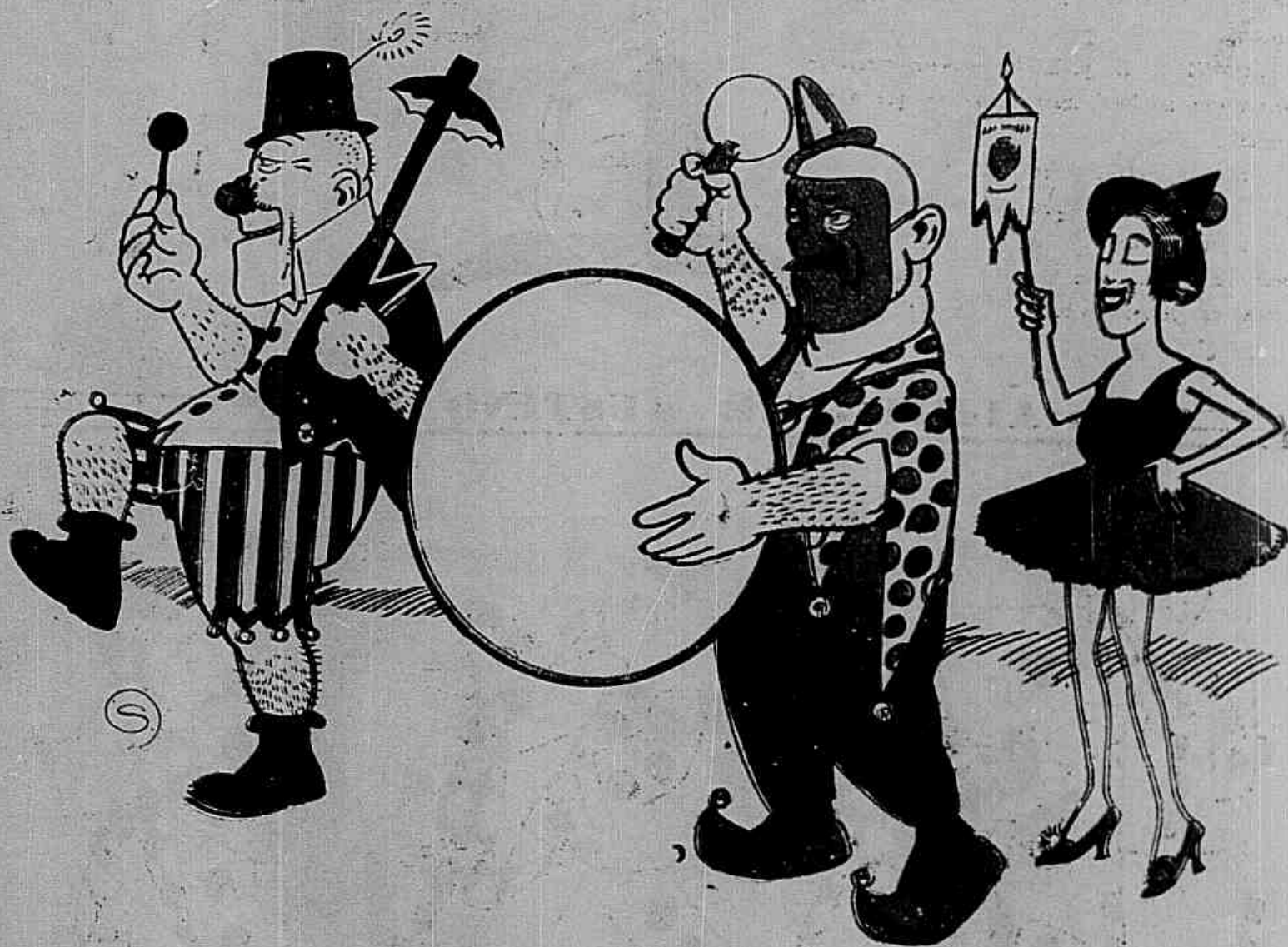


Talvez, quem sabe? a cova, que te esconda,
Uma noite, entre fogos fatuos, se abra,
Como uma bocca escancarada em risos:

E saltarás, pinchando, numa ronda
De espectros aos lantans, dança macabra
De esqueletos e lemures aos guizos...

OLAVO BILAC

CORDÃO FLOR DA LINHA ALI NO DURO



Bonecos feitos a esmo
Com o Storn e mais a preta.
Este e aquelle, tudo é o mesmo:
Se não é cara, é 'Caretta'!

REGULAMENTO DE "GARÇONNIÈRE", Encontrado no trem de Petropolis, pelo

ALMIRANTE JUSTINO RIBAS

Art. I — Ficam proibidas terminantemente quaesquer declarações de amor, e, bem assim, quaesquer scenas patheticas, em que são frequentes as senhoras romanticas.

Art. II — São eliminadas, para todos os effeitos, as phrases classicas, como as seguintes: «Nunca, nunca mais te esquecerei!», «E se meu marido sou-besse!», «Imagina se isto chega ao conhecimento de mamãe!», «E's o primeiro homem que preenche o meu ideal!», etc. etc.

Art. III — Ficam prohibidas quaesquer scenas de ciúmes, mesmo por brincadeira. Quem as fizer, correrá o risco de não voltar mais.

Art. IV — A' visitante não é permitido, absolutamente, perguntar de quem é o grampo que encontrou no chão, qual a procedencia de determinado leque, e quem deixou deante do espelho o lapis de «rouge» ou o alfinete de chapéo. Para commodidade de todas, pede-se a cada uma que, á sahida, examine se não se esqueceu de alguma coisa na casa.

Art. V — Quem se esquecer de fazer a visita no dia determinado, não deve vir no seguinte. Quem tal fizer, arriscar-se-á a situações complicadas, e ver-se ridicularizar na presença de outra pessoa.

Art. VI — E' prohibido escrever cartas, e permanecer no local mais tempo do que o necessario.

Art. VII — O d'nhairo para o «taxi», será pago de accordo com a tabella da Polícia, com excepção das pessoas do bairro.

ro, que possam regressar de bonde ou a pé. E' prohibido fazer buzinar o auto no portão.

Art. VIII — Não se toca nos «bibelots» e demais objectos de arte. O «lunch» e a «ceia» ficarão ao arbitrio do dono da casa.

Art. IX — Pede-se a moderação nos perfumes, e a eliminação absoluta das essencias fortes, que impregnem o ambiente por mais de doze horas.

Art. X — Não se dá nem se acceta retrato, com ou sem dedicatoria.

Art. XI — Não se acceta guarda de roupa sob qualquer pretexto. As peças que forem encontradas na casa serão arrecadadas e vendidas pelo criado, que entregará o producto a uma das associações de beneficencia do bairro.

Art. XII — Pede-se não telephonar para a «garçonnière» sem autorização para isso.

Art. XIII — Não haverá, na casa, criados para comprar calmantes, devendo as interessadas, por isso, abster-se completamente dos ataques de nervos.

Art. XIV — Revogam-se as disposições em contrario.»



ALMIRANTE JUSTINO RIBAS



GENTE ALEGRE DE CALDEIRA RATTO

As mulheres, como os passaros, devem ser alegres, festivas, joviaes. Passarinho triste não vale a gaiola em que vive. Mulher soturna não vale o vestido que se lhe dá. Essa era, até ha pouco, a minha opinião, que se acha, entretanto, agora, profundamente modificada.

Rapaz do seu seculo, sadio, forte, jovial, o capitão-tenente Sobreira da Motta queria para esposa, afin de completar a sua felicidade, uma creatura que concordasse, em tudo, com o seu temperamento folgarão. E como a encontrasse na pessoinha encantadora de Mlle. Antonietta Monteiro, casou-se com ella em março ultimo, para divorciar-se em abril, isto é, um mez depois, por motivos que ninguém conseguiu, até agora, descobrir.

— Que razões teriam levado o Sobreira a um divorcio tão inesperado? — indagavam os amigos.

— Que escandalo! Nem um mez de casados! — commentavam as senhoras, horrorisadas.

Eu proprio me fazia a mim essas observações indiscretas, quando me foi revelado, com o caso do capitão Julien Martin, occorrido em Paris, uma ponta do mysterio. Adorando, como o nosso patricio, as mulheres joviaes, o capitão Martin, do Exercito francez, fez-se noivo e, depois, marido, de Mlle. Valentine Brissaud, que era, das moças das suas relações, a que soltava gargalhadas mais sonoras, mais ruidosas, mais bulbentas.

Na noite do casamento, porém, aguardava-se

uma surpresa. Despedidos os convidados, recolheram-se os noivos á alcova nupcial, com a emoção natural desses momentos. Trancada a porta por dentro, pediu a moça, com o intuito de mudar de roupa:

— Olha para lá; sim?

O capitão desviou o olhar para o tecto, mas, notando que a moça custava muito a desabotoar-se, foi em seu auxilio. E mal tocou a sua pelle, com as pontas dos dedos, Valentine desandou numa gargalhada doida, que só terminou cinco minutos depois.

— Que é isso, filha! que é isso? — indagava o capitão, afflicto.

E ella, com os olhos cheios d'agua, de tanto rir:

— Córcegas! Não me toques! não me toques!

E continuou a rir.

Instantes depois, procurou Martin beijar a noiva. E não tinham os seus labios chegado ainda á epiderme, quando a rapariga rompeu, de novo, na sua gargalhada nervosa, que não tinha mais fim:

— Não me toques! Não me mates de cócegas! não me mates!

E continuou a rir.

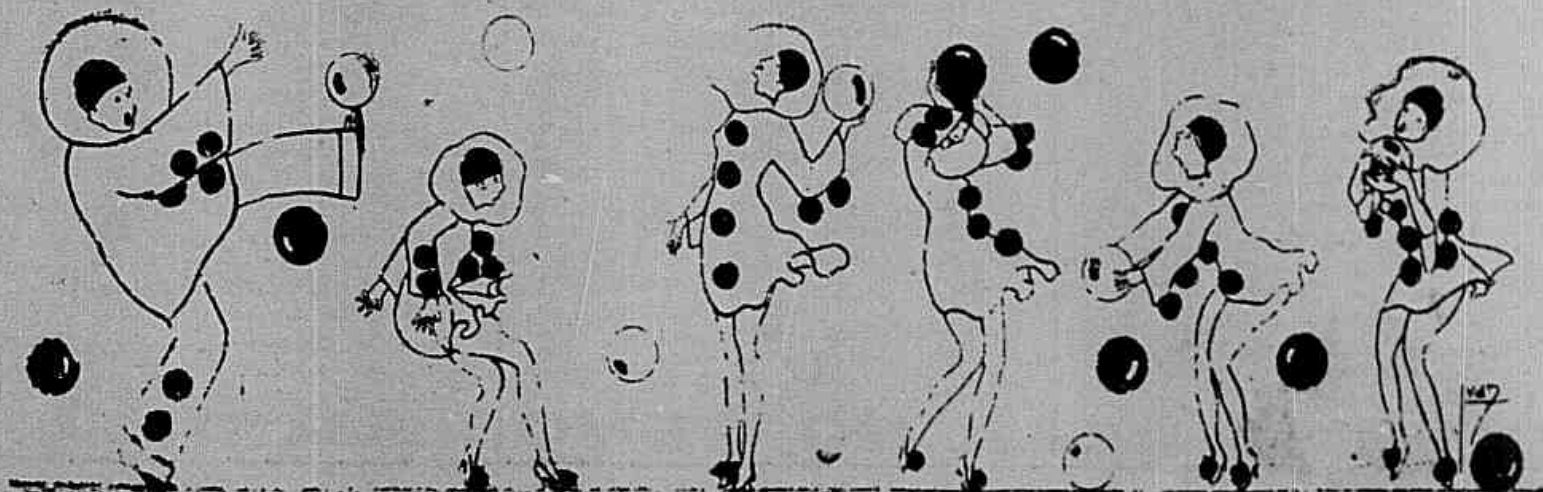
Pela manhã, quando o marido quiz abraçar, o espectáculo foi o mesmo: riso, riso, riso, de não poder mais.

E tão coceguenta era ella, que, dias depois, quando lhe annunciaram a annullação de casamento proposta pelo esposo, não chorou, não se irritou, não se revoltou.

Desatou a rir...



CALDEIRA RATTO



DESGOSTO



— Não lhe posso acompanhar D. Quiteria. Todo o mundo já me conhece com esta cara e o Oswaldo não me fez outra!

CARNAVAL POR BASTOS TIGRE

Em vez de uma penna, fomo
De uma macela que rufe
Alto louvores a Momo,
No estylo e no tom de puff.

Tilintam guizos! Zabumba
O bombo, em bulha brul!
Por toda a parte relumba
A gloria do Carnaval.

Tem Momo a soberania!
Sultão da cidade inteira.
Sua favorita é a Folia,
Seu ministro é o Zé Pereira.

Que a grimpá a todos abate:
Hoje o poder lhe compete,
Que só se fala em combate
De serpentina e confetti.

O mais pobre pobre-diabo
Hoje, em luxo nababesco,
Gastando como um nabobo,
É um Creso carnavalesco.

Qual crise de numerario!
Diz, em cambio, um bacharel.
Nunca vi, pelo contrario,
Tanto dinheiro... em papel!

E é tão grande essa abastança
Que o cobre até se evapora...
Quanto dinheiro se lança,
Em lança-perfumes fóra!

A gente, de tal maneira
Gasta o arame e o gasta a esmo,
Que, em desfalque á algibeira,
Fica ladrão de si mesmo!

Que importa que a crise antiga
Amanhã volte de novo?
Cantemos hoje! A cantiga
É um banho n'alma do povo!

Põe o Bom-Senso na cara
Um rubro nariz grotesco
E, como um clown dispara
Num riso lunambulesco!

Zé Pereira, cathedratico,
Proclama ser a pilheria,
Deste paiz sem surumbatica
A coisa mais grave e seria.

Passam grupos em mononio
E cada qual mais se esguela!
Na cota do manicómio
Todo o mundo se nivela.

O Momo, ó rei endiabrado!
Cantas, ris, pulas, balucas:
Teu ephemero reinado
Põe as cabeças malucas.

Quem no maxixe mais cresce,
Conquista glorias eternas:
Não é mister ter cabeça,
Que hoje a victoria é das pernas!

E, sem temer insuccesso,
Segue a patria o seu caminho:
Ganha a estrada do progresso
Num corça-jacá miudinho.

Quem for triste que se esconda
Na cova da propria magua!
Quem da tróça vai na onda
Não se affoga em poça d'agua.

Evohê! Que hoje a Folia
Faz a paz e faz a guerra!
Por toda a parte a Alegria
Pula, ri, gargalha, herra!

«Dgig bum!» zabumba o bombo!
Momo é o padrinho, afinal,
Deste nelo de Colombo,
Filho de Alvares Cabral!

Que o Brasil á gloria võe,
Dos Fados bons ao sorriso,
É que o padrinho o abenço
E lhe tire todo o juízo!

Momo, Dyonisios e Venus!
A trindade da Folia!
Sereis a Alegria? ao menos
Sois a illusão da Alegria...

A NOITE DE CARNAVAL POR D. JULIA LOPES DE ALMEIDA

(Pagina d' «A ISCA»)

A noite estava ardente. No céu velludos zigzagueavam de luz quando relâmpagos electricos muscavam o pivo que ench'a as ruas, comprimindo-se numa massa ondulante de tapeite vivo, não levantava os olhos para as nuvens, e se o fizesse não veria mais do que um doel melicor de serpentina cruzada em todas as direcções. Ora suspensas das janelas, ora dos combustores electricos, das arvores, dos passeios ou dos carros que passavam lentamente entre o vozeio e o brucejar da multidão que empunhava lâmpa-perfumes e delirava de gozo. Num desses carros, no meio de um grupo superior á sua lotação, Isabel e Antonio deixavam-se esmagar um de encontro ao outro. Para rendel-a á sua fascinação, elle não necessitava expender o esforço de fazer unica palavra supplicante ou comente.

Sentado á seu lado, nas mesmas almofadas, sentando-lhe todo o calor do corpo e transmittindo-lhe o do seu, dizendo-lhe as coisas mais simples e banes, no tom, o mais envolvente e calido, bem percebia que nenhuma eloquencia poderia ser em tais casos mais decisiva. A atmosphera, carregada do cheiro exacerbador do ether, dilatava as narinas e fazia palpitar com força o sear das mulheres; os olhos fuguravam no prazer estonteante daquella movimento sem interrupção e daquelle ambiente agilhado de gritos e de exclamações.

De vez em quando, Isabel levantava-se para arrojar uma serpentina sobre um outro carro. Para amparal-a, Antonio levantava-se tambem e passava-lhe mesmo ás vezes a mão pela cintura; outras vezes deixava-se ficar, sentado muito jugado a ella, olhando-lhe de perto para o perfil do seio, quando um gesto áreoso de arremessar as mãos, ella volteava no ar a mão, resolutamente. Baixando os olhos, Isabel notava a intensidade dos do Antonio e então mais se lhe aqueciam as faces já abraçadas.

Carnaval! Carnaval!

A onda humana movia-se compacta e ululando n'um offego rythmico quasi doloroso.

De vez em quando, deixando o carro, elles viam passar os cordões das associações populares, empoeirados, amarratados, luzidios de suor, aos trancos e barrancos, empestando o ar abafado com a morrinha da carne excitada, de pelle escura. Na melopéa das suas vozes sentia-se, menos do que a vibração da alegria, a sombra de um sentimento disciplinado e soturno e por seus olhos esbugalhados ardia mais fe do que jubilo. Deve-lhe que elles cumpriam antes uma cerimonia de preceito religiosa, do que faziam uma passeata de mera galhofa. Quem os visse sem a despreocupação da hora alucinante, supporia que toda aquella gente ia assim cabriolando de estandarte em punho, gestos estudados, ensaiados e impostos por uma idea preconcebida, cumprir um acto de reverencia a algum Deus ou idolo africano. Ao bum — bum, — burum — bum, da marcha itagicomica, para lhe disfarçar o odor almiscarado, Antonio bisnagava o pescoço de Isabel, gostando de a ver encolher-se toda, pela sensação fria do ether.

As onze horas, para desentorpecerem as pernas contrafeitas nos apertos do auto, lembraram-se todos de organizar uma bicha rabeadora e desataram a correr pela Avenida, uns com as mãos nos hombros dos outros, a cantar: Mariquinhas sae da chuva, e a furar alegremente por entre a turba densa.

Uma das Pimentas, aquella dos o'hos languidos, queixou-se de que lhe davam beliscões nas coxas; a outra, que algem a beijara na orelha.

E' preciso não fazer caso e ir andando, aconselhou um dos do grupo; e a bicha seguiu comido. Nunca houve no Rio Carnaval tão bulicoso.

A meia noite entraram no Assario para a cela.

R' (A) ZAR!



Sou o ultimo dos Romanoff!

Dancava-se. Dois pares do grupo sumiram-se na vertigem dos tangos. A atmosphaera estava enevoadá de fumo. Antonio sentou-se ao lado de Isabel e tocava de vez em quando com a della a sua taça de «Champagne». Depois offereceu-lhe um cigarrinho. Ella fez uma careta mas accitou. Elle ria-se e ella já o tratava, embarralhadamente, por tu e por você...

Das depois estavam noivos.

JULIA LOPES DE ALMEIDA

Além de todos os artigos
O GRANDE SUCESSO DE 1925:

..... o paletot-pyjama, para o Carnaval!



Dando a V. Excia., como
paletot, uma elegancia
particular e maior dis-
ctinção no corso, ainda
garante, para depois dos
festejos de Momo, uma
deliciosa vestimenta ca-
seira, chic e duradoura!
Para todos os preços, e
para todos os gostos,
unicamente nos dols
estabelecimentos da

Capital





Cada um dá o que tem...

O grande medico brasileiro andava ainda pelos seus quarenta annos, e era já uma figura notavel na sciencia e na sociedade, quando chegou ao Rio aquella formosa e famosa senhora, esposa de um diplomata, cuja vida no estrangeiro tem sido uma serie luminosa de successos e escandalos. Atirar-se ao honrado filho de Hypocrates, foi um dos seus pensamentos. Visitas ao consultorio, presentes, insinuações, a tudo recorreu. Até que desanimou, convencida de que estava, como Laís, ás voltas com Xenocrates.

Nesse tempo, havia, ainda, no Brasil, as cédulas de quinhentos réis. Terminado o tratamento, a dama puxou de um envelope um pouco transparente, e entregou:

— Aqui está, doutor, pelos seus servigos... Perdoo-me se lhe não dou mais. Cada um dá o que tem...

Vendo os 500 atravez do envelope, o mestre agradeceu vivamente o conto de réis.

E só quando a dama sahiu foi que viu, e não deixou de rir, — que eram, apenas, duas ironicas cedulas de cinco tostões...

O poeta

A pequena é filha de um homem de letras illustre, embora um pouco retirado da actividade. E como os semelhantes attrahem-se, o seu primeiro namorado foi aquelle poeta futurista, professor de um estabelecimento de ensino publico, o qual fez, logo, um poema aos seus lindos olhos castanhos.

Dias depois encontram-se, a menina, e o pretendente.

— Recebeu os meus versos?

— Recebi, sim; muito obrigadinho.

— Mostrou-os ao seu papae?

— Mostrei-os.

— E elle, que disse?

— Elle os leu, e ficou satisfeito, por que me disse assim: «Minha filha, casa com esse; porque eu só não quero que te cases com poeta. E' a peor gente do mundo!..»

Meninas sabidas

O conhecido medico estava no seu gabinete de estudo, quando a filha, linda rapariga de cabellos cortados, entra, e põe-se a remexer na mesa. Entre quarenta ou cinquenta livros, encontrou um romance francez.

— Papae já leu este livro?

— Não, filha.

— E eu posso lê-lo?

— Ainda não.

E após um instante:

— Leva-o para lêr, e, depois, diz-me se ha algum inconveniente que eu o leia...

Dama séria

O conhecido homem de leis encontrava sempre na barca de Nictheroy aquella rapariga mais ou menos vistosa, ares serios, cabello cortado, a quem via na praia, frequentemente, ao lado do marido. Achou-a séria, grave, circumspecta, e, um dia, ao tomar com ella um bonde na praça Quinze, dirigiu-lhe a palavra. E ao fim de dois minutos, a dama já lhe dizia:

— Diga onde é, que eu vou...

Espantado com a facilidade da conquista, o jurista não foi. E, agora, é um tormento. O perseguido é elle.

— O senhor tem de ir, — diz-lhe ella; — eu sou uma senhora séria, e não consinto, não admitto que ninguém zombe de mim.

E intimativa:

— Dou-lhe cinco dias para arranjar a casa; senão... senão...

— Senão, que é que tem?

E ella:

— Senão... arranjo-a eu!

Os filhos

Aquella viuva chic não perdôa, nas vespéras de Carnaval, o velho e generoso titular. Todos os annos, e lá vem:

— Senhor visconde, morreu-me um dos meus filhos, e eu precisa de 500\$000 para o enterro!

Este anno, foi a mesma cousa. Mas o titular indagou:

— Quantos filhos ainda lhe restam, madame?

— Ainda tenho um, sr. visconde.

O velho philanthropo escancara o cofre, e entregando-lhe um envelope:

— Aqui está, minha senhora; aqui está um conto de reis; quinhentos para um, quinhentos para outro.

E apertando-lhe a mão:

— Enterre os dois de uma vez...

O que ensinam os poetas:

BESOS SABIOS

¡ Con el beso que el cisne besaba a Leda
me suplicas te bese con voz mimosa !
¡ Oh ! Sálfica caricie de fuego y seda
que extremece tu alma virgen, viciosa !
El roce de tus piernas sobre mi cuello
es dogal que me obliga besar con furia :
aferrada a la brida de mi cabello
espoleas los potros de mi luxuria.
Siento sobre mi rostro tu sexo ardiente :
¡ arde en locas lascivias mi altiva frente !
No sé si respetarte te he prometido :
lo que sé, es cuando vuelvo del mundo ignoto,
donde cai cual triste muñeco roto,
¡ que sientes sollozando el haber perdido
entre pétalos rojos tu flor de loto !

Juan Caballero Soriano

OLHO DE VIDRO



FRUCTOS DO ENGANO POR

JOÃO FORTUNATO

O Dr. Bonifacio Lopes acabava de entrar no consultorio quando o continuo lhe annunciou aquella senhora, que tinha hora marcada.

— Manda-a entrar. — ordenou.

E um minuto depois tinha á sua frente, co-

ARRE, PIADA!

— Mulher sem espirito?

— Engana-se: eu sou a Maria da Graça!

berta por um espesso véu de viuvez, um vulto de mulher joven, que a «toilette» negra impiedosamente envelhecia.

— Esteja á vontade, minha senhora. — pediu o illustre clinico, virando-se na cadeira. — Não tenha cerimonia, e conte-me, claramente, o seu caso.

— A minha molestia, doutor, é exquisita, — principiou a moça. — Começou, há quatro me-

zes, por uns vomitos, umas syncopes, umas irritações, uns ataques de choro. Depois, passei a engordar subitamente. As pernas incharam. Procurei um medico, pessoa de confiança, e elle disse que era um kisto. Não sei o que seja.

Experiente, o Dr. Bonifacio diagnosticou, logo:

— Ah, minha senhora, o seu caso é claro. E rindo:

— Vá preparando as fraldinhas, porque o pirralho vem, com certeza, por ahi!

A essas vozes, a dama se ergueu, de subito, na cadeira.

— Oh, doutor! Não me injurie! Eu sou uma viuva honesta, uma senhora séria, e não admitto absolutamente, brincadeiras. Repila-me, mas não me insulte!

— Mas, minha senhora, — gaguejou o medico, atrapalhado. — pode ser... pode ser que... Ha quantos mezes morreu seu marido?

— Ha dois annos.

Essa informação perturbou o clinico. Era um caso, realmente, complicado. E foi beliscando o beijo, preocupado, que pediu:

— Faça favor... Entre para o gabinete... Eu vou examinal-a.

Vinte minutos depois, após um exame consciencioso, o Dr. Bonifacio insistiu:

— Não ha duvida, minha senhora. Eu confirmo o meu diagnostico. E' inexplicavel, mas é verdade! Consulte a sua consciencia, veja por onde andou, os passos que deu, e talvez encontre alguma explicação... A senhora mora só?

A essa pergunta, a viuva bateu na testa, como quem acaba de fazer uma descoberta.

— Ah, doutor! quem sabe se... E contou:

— Depois que meu marido morreu, eu fui morar com minha irmã, que é casada. Como ella tambem é pobre, moramos eu, ella e o Alfredo, seu marido, no mesmo quarto de pensão, onde occupamos duas camas, sendo que eu durmo com ella.

— E então?

— Então... — reatou a viuva.

E olhos muito vivos, muito espantados, por baixo do véu:

— Quem sabe se o Alfredo não se enganou?

:: JOÃO FORTUNATO ::

NA BATALHA



— E por que aquelle homem foi preso ?

— Disse-me o Raul que foi porque estava armado... de confetti dentro da «confetaria».

O PRIMEIRO BAILE MASCARADO NO RIO POR ESCRAGNOLLE DORIA

São remotos e multiformes os desmandos de nosso carnaval, a principiar pelo mais brutal de todos, o celeberrimo entrudo que com agua matou tanta gente, rasteira ou illustre, haja vista, entre nós, o architecto Grandjean de Montigny, membro da missão artistica franceza fundadora da Academia de Bellas Artes. Grandjean, attingido pelo entrudo, resfriado por elle, apanhou um pleuriz, que o prostrou nas catacumbas do convento de Santo Antonio.

Aos desmandos do carnaval, só a cabo de tres seculos e meio veio incorporar-se o baile mascarado. Não o conhecemos até 1846.

Neste anno chegou ao Rio de Janeiro e por mão estrangeira, por mão bem carnavalesca, por mão italiana e feminina, a da actriz cantora Del Mastro, bem conhecida, por suas aptidões lyricas, nos palcos cariocas da opera, ao lado das summidades gorgeiadoras do tempo.

Foi Del Mastro quem nos innoculou o gosto pelo baile mascarado e, como parece que trazemos o carnaval na pelle, da flor ao carnaiz, o gosto não tardou a degenerar em moléstia chronica. A estatistica será capaz de ar-nos o numero exacto das pessoas que têm dansado, de 1846 em diante, nos bailes mascarados do Rio de Janeiro? Em todo o caso deve ser avultadissimo.



Poucas opposições se conhecem tão oppostas como a dos extremos do diametro. Pois bem: carioca e tristeza nos dias de carnaval são talvez opposição ainda mais accentuada. Até parece que nos tres dias da folia os credores são capazes de andar de braço com os devedores.

Corria, porém, o anno de 1840. Havia seis annos, d. Pedro II, maior, governava o Brasil quando a cantora italiana se lembrou, será impossivel dizer por que, de presentear-nos com o primeiro baile mascarado. Para a realização d'elle escolheu um theatro do bairro da Misericordia, o theatro S. Januario.

O baile foi concorridissimo. O «Jornal do Commercio» de 23 de fevereiro de 1846 registra-lhe o esplendor e a animação, sem denguiques nem alambicamentos.

Mais de mil pessoas tornaram um ovo o S. Januario. Os camarotes regorgitavam «das familias mais distinctas e respeitaveis». O salão esteve «apinhado de moças de boa sociedade» avultando as figuras de turco, chin, palhaço, fidalgo e dominó.

O divertimento alcançou tres horas da madrugada, hora em que a policia o deu por terminado, aliás com desprazer do publico.

ESCRAGNOLLE DORIA

IFILMANID. C H R O N I C A

Quando lemos, nas revistas americanas, notícias sobre os films que faz, faz, ou vae fazer Mary Pickford, sentimos, mais do que nunca, a imperiosa necessidade, que tinha o Rio, daquelles grandes cinemas que se acham em construcção no fim da Avenida.

Mary foi, enquanto os seus films se exhibiram entre nós, a artista predilecta de todos. Nenhuma outra alcançou tanta sympathia, nem admiração tão universal. Ao lado das predilectas de cada um, differentes, variaveis, Mary era a predilecta de todos, a unica que permanecia intacta na admiração das platéas.

Com a constituição da United, desapareceram dos cinemas cariocas os films de Mary, como os de Douglas e de Carlito, demasiado caros para ser explorados com lucro nas exilias salinhas da Avenida.

Todos os grandes films dos ultimos quatro annos são para nós desconhecidos. Sabemos delles pelas noticias e pela critica das revistas cinematographicas americanas, apenas. E continuamos caladamente, estupidamente, a digerir as eternas historias de raptos, e brigas, e correrias a cavallo...

Temos alguns films bons. Optimos, nunca os tivemos, porque a estreiteza de vista dos nossos exhibidores não nol-o permite.

Com a abertura dos grandes cinemas, ora em construcção, é impossivel que não surja um homem intelligente e de iniciativa, que queira ficar rico, para trazer á tela carioca as melhores produções americanas.

Veremos passar então, quem sabe?, todos esses films que temos perdido e que tamanho exito alcançam nos Estados Unidos.

Teremos novamente, no Rio, aquelles deliciosos films da deliciosa Mary, que, actualmente, os proprietarios das saletas da Avenida não se atrevem a comprar.

E teremos verdadeiras salas de espectaculos, como as ha na America do Norte, amplas, confortaveis, arejadas, com boa musica e bons numeros de variedades, onde se possam passar duas horas agradaveis, e onde não haja poeira, nem pulgas, nem o perigo de morrer esmagado...

M.

Jack Mulhall é um dos componentes do elenco de «Folly of Vanity», da Fox.

Doris Kenyon trabalha actualmente na First National.

John Gilbert está, presentemente trabalhando debaixo da direcção de Von Stroheim.

Eleanor Boardman faz parte do elenco da Metro-Goldwyn, a empresa productora dos films mais luxuosos, modernamente.

André Nox e Conrad Veit, aquelle francez e este allemão, são os principaes artistas que vão figurar no film «Le Conte Kostia», da Phocéa.

Carmel Myers foi presa nas ruas de Paris, como contrabandista.

Corre com insistencia nas rodas cinematographicas da California, que existe um serio namoro entre Ben Lyon e Anna Q. Nilsson.

O proximo film em que Pauline Garon vae figurar intitula-se «Parisian Night». Pauline voltou recentemente de uma viagem que fez á Europa, para receber uma herança.

Norma Shearer, Malcolm Mac Greigor e K. Arthur são os artistas que deverão interpretar os principaes papeis do film «Lady in the Night», editado pela Metro-Goldwyn.

«The Salvation Hunters», producção de Von Sternberg, com K. Arthur no principal papel, obteve um retumbante successo nos cinemas dos Estados Unidos.

Justine Johnstone é casada ha cerca de tres annos com Walter Wagner.



Marie Prevost vae continuar a trabalhar nos films da Warner Brothers, com a qual acaba de firmar um novo contracto.

«Taming the West» é o titulo do proximo film de Hoot Gibson.

Justine Johnstone, que se achava afastada da tela ha cerca de dois annos, pretende voltar a trabalhar na Paramount.

Frank Mayo e Beverly Bayne são as principaes figuras do film «The Passionate Yonth», da Universal.

Francis Ford vae figurar ao lado de Hoot Gibson no film «Taming the West».

George O' Brien, ao contrario do que se propalava, continuará a figurar no elenco da Fox, da qual é hoje uma das melhores figuras.

Bert Lytell será o principal interprete do proximo film que Ernst Lubitsch vae fazer para a Warner Brothers.

«Intolerancia», o famoso film de Griffith, uma das obras primas da cinematographia, custou dois annos de trabalho continuo e exhaustivo.

O proximo film de William de Mille para a Paramount intitular-se-ha «Men and Women» e será filmado no studio de Long-Island.

«He Who Gets Slapped» foi considerado o melhor film de Lon Chaney. Esse film foi editado pela Metro-Goldwyn.

Richard Dix será um dos principaes interpretes do film de William De Mille «Men and Women».

O proximo film de Mary Pickford será «Rebecca of Sunybrook Faun», e será dirigido por Marshall Neilan.

Josef Sternberg é o director escolhido para os proximos films de Mary Pickford.

Antonio Moreno e Constance

Talmadge são os principaes interpretes de «The Man She Bought».

«The Silent Accuser» é o titulo de um dos proximos films da Metro-Goldwyn.

Betty Arlen, Anne Cornwall, Natalie Joyce, Dorothy Rivier, Violet Avon, Madeleine Hurlock, Joan Meredith, Duane Thompson, Olive Borden, Virginia Lee Corbin, Evelyn Pierce, Lola Told, e Mary Brian são as treze «baby stars», escolhidas pela sociedade Wampas, para o anno de 1925.

Lillian Langdon, figura no film de Valentino «Cobra», com que este artista inicia a serie que contractou com a Ritz Carlton. Gertrude Olmstead será a leading-woman de Rudolph Valentino nesse film.

Herbert Rawlinson, Clara Bow, Harry Morey, Flora Finch e Earl Williams figuram no film «The Adventurous Sex», da Associated Exhibitors.

Irving Cummings dirige o film «One Year to Live», da First National, em que trabalham nos principaes papeis Antonio Moreno e Aileen Pringle. Dorothy Mackaili tambem toma parte, em papel secundario.

Richard Dix e Frances Howard são os principaes artistas que figuram no film «The Maker of Geotures».

King Baggot será o director do film «The Inheriters», em que figura Mary Philbyn no principal papel.

Pearl White já teve 2 maridos. O primeiro chamava-se Victor Sutherland, e o segundo, Wallace Mc Cutcheon.

DR. PAPA FITA

Clinica Medico Cirurgica de Doenças dos
Colons, Rectum e Anus

Tratamento especial indolor das

HEMORRHOIDAS

SEM OPERAÇÃO

DR. RAUL PITANGA SANTOS

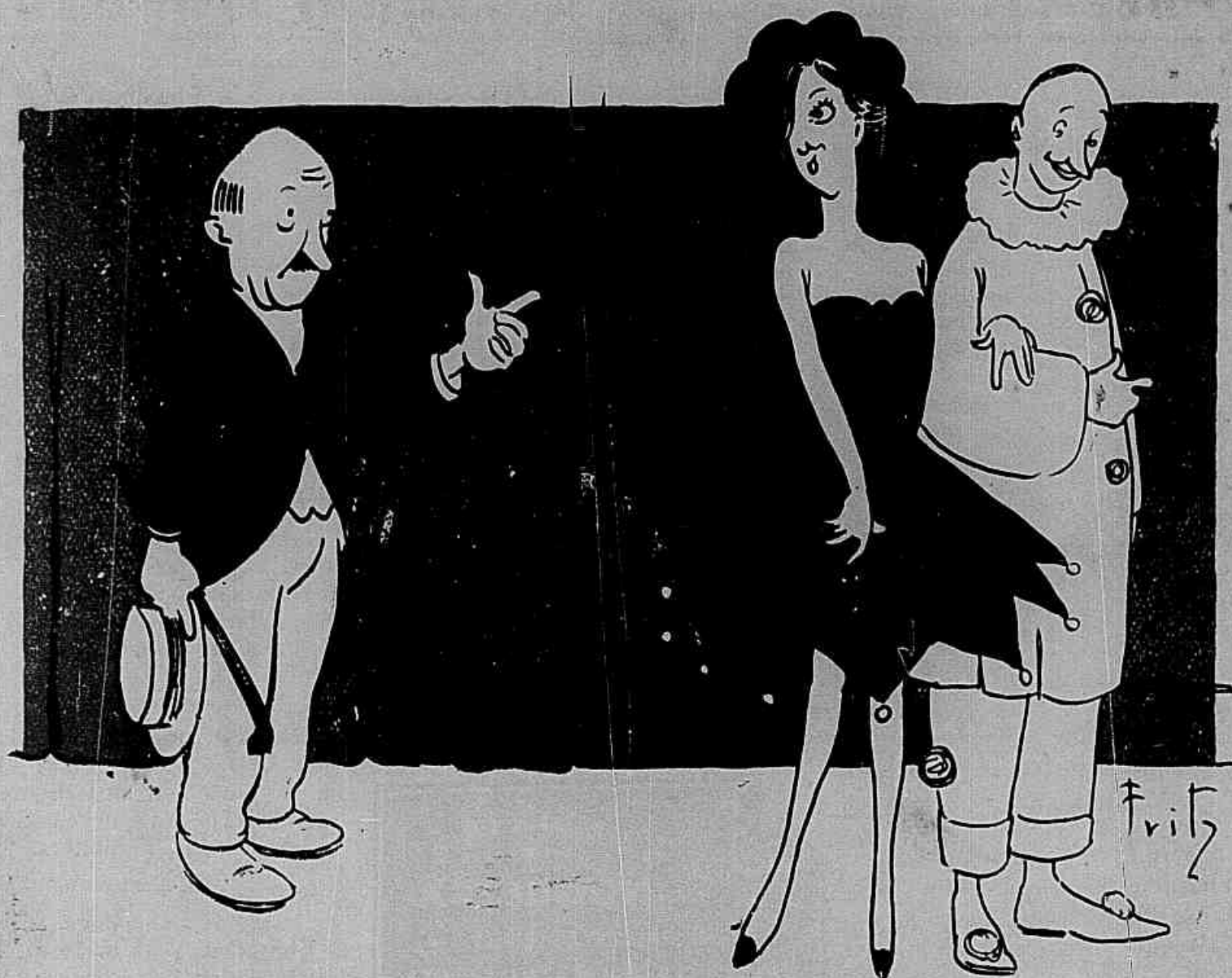
Da Faculdade de Medicina

1 do Passelo, 56-Nob.

Cons. de 1 ás 4 horas



FILHOS DO PAE



O VELHOTE — Como se chama o pae de vocês «seus» bonecos desengonçados?

A BONECA — (offendida) — “Frite-se”!

A COSTUREIRA DE JOÃO JOSÉ JORGE

Senhora elegantíssima, apaixonada pelas modas actuaes, que acha encantadoras e insubstituíveis, Mme. Corrêa Cruz não admite vestido que não obedeça rigorosamente aos figurinos. E tal é o seu capricho nesse sentido, que não ha, na Avenida, saia mais curta, nem, nos bailes, e nos theatros, vestido mais decorado. E tudo isso lhe fica muito bem, porque a admiravel mundana é, de facto, formosíssima, e fica mais linda á medida que põe em evidencia os esplendores do seu corpo maravilhoso.

Ha dias, em uma das festas carnavalescas do anno, foi o vestido da nossa ator-doadora patricia o mais lindo, o mais caro e, tambem o mais escandaloso que se apresentou no salão. Talhada em nevoa, em bruma, em um suave tecido imponderavel, a «toilette» da linda senhora, que dispensava o recurso das fantasias, quasi não lhe velava as formas esculpturales. A formalidade do vestido tornava-se, aliás, desnecessaria, porque da cintura para cima o que apparecia era, simplesmente, a sua pelle macia, fina, rósea, e nua.

A impressão causada pela sua presença foi, como

era natural, intensa, forte, quasi de escandalo. E foi no meio da admiração geral que o deputado Rocha Franco se approximou da moça, para louvar, gentil:

— Maravilhoso o seu vestido, madame!

— Está á disposição dos seus olhos, — offereceu, graciosamente, a linda senhora, pondo-se de pé, deixando em maior destaque a maravilha das suas espaldas.

Rocha Franco sorriu, agradecido, e infringindo, em favor da galanteria, uma das regras essenciaes da gentileza, insistiu:

— E' feito no Rio?

— No Rio e em Paris, — attendeu madame.

E como o illustre parlamentar se espantasse, explicou, indicando o decote do vestido:

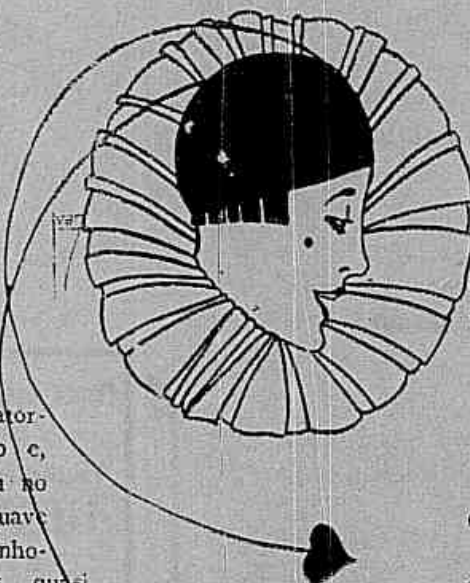
— Daqui para baixo foi o meu costureiro em Paris.

E mostrando o decote, do vestido para cima, em que a carne palpitava, morna, doce, cariciosa.

— Daqui para cima foi feito no Rio.

E, rindo, abanando-se com o seu grande leque de penas vermelhas:

— Daqui para cima, quem fez foi... mamãe!



JOÃO JOSÉ JORGE

O "DEFICIT", VELHA HISTORIA, POR GIOVANNI MORELLI

Não ha homem, na terra, quem, meditando cinco minutos, se considere perfeitamente satisfeito com o seu destino. Em relação á felicidade, elles são como as mulheres com a «toilette»: por mais bem vestida que esteja uma senhora, ella ha de achar, sempre, ao chegar á rua, ou ao entrar no automovel, que deixou em casa alguma coisa. Em relação ao casamento, então, elles são insaciaveis: uns se queixam de serem amados de menos pela esposa, enquanto outros se lamentam, aborrecidos, de o serem de mais. E o resultado é andarem as pobres senhoras sem saber o que devem fazer, imitando, nisso, o Padre Eterno, que ouve das creaturas, ao mesmo tempo, e com a mesma impaciencia, pedidos de chuva e de sol. Um caso muito antigo, mas muito significativo, poderia, talvez, illustrar esta verdade.

Homem de negocios, e, como todo homem de negocios, um temperamento frio, sereno, metucioso, o capitalista Rumualdo Gonçalves notou, poucos dias após o casamento, que a vida em commum lhe ia perturbar profundamente a actividade financeira. Joven e Linda, a sua Odette era uma esposa legitimamente brasileira: amorosa, apaixonada, ciumenta, absorvente, e, com todas essas virtudes femininas, uma boquita de rosa, com capacidade para produzir diariamente, na paz ou na guerra, quatrocentas toneladas de beijos. Com quinze dias de casado, o illustre homem de finanças estava já com um beijo de cinco centimetros de comprimento, e foi com medo de cousas piores que, á tarde, chamou a esposa encantadora, e propoz:

— Minha filha, eu preciso, como tu sabes, de tempo e socego para trabalhar. Com o escriptorio aqui em casa, eu não posso, absolutamente, tratar dos meus negocios, pela tua insistencia em procurar-me de vez em quando. Por isso, eu tenho a propôr-te: ou eu mudo o escriptorio para outra casa, onde não me vás perturbar, ou fico aqui, com a promessa, porém, de que limitaremos o numero dos teus beijos, diariamente.

— Frefro o segundol — atalhou, logo, a moça, horrorizada com a idéa de uma separação mais exigente.

— Nesse caso, — tornou o marido, — vamos combinar o seguinte: ficas com o direito de dar-me, durante a semana, trezentos e cinquenta beijos, nem mais nem menos, ou, seja, na média, cinquenta beijos por dia. Está feito?

D. Odette fez uma carinha de contrariedade, um beicito de zanga, mas, como era preciso obedecer, concordou:

— Está feito!

No dia seguinte, domingo, posta em vigor a combinação, a moça ficou admiradissima quando soube, á noite, que havia dado oitenta e seis beijos no marido. Segunda-feira, consumiu cento e quatro; terça, cento e dezeseis; e quarta, até o meio-

FANTASIAS



ELLE — Isso assim não tem graça! Devia ser trocado: gallinha eu e gallo você.

d'a, quarenta e quatro, que constituíam o saldo dos sete dias.

Quinta-feira, sentindo-se livre, o esposo dava-se parabens pela sua idéa, satisfeito com a transacção. O compromisso domestico estava realizado, e elle ia ter a quinta, a sexta e o sabbado para dedicar-se inteiramente, aos negocios. E ia começar a trabalhar, quando viu, de repente, mexer-se o reposteiro, e apparecer, emergindo do velludo verde que tapava a porta, a cabecita risonha da mulher.

— Rumualdo? — chamou a moça, com uma vozinha doce, de um timbre irresistivel.

O marido olhou, carrancudo.

E ella, tremula, pondo no: olhos, e na voz, todo o veneno do seu desejo e da sua saudade:

— Você... me adeanta uma semana?

GIOVANNI MORELLI

Chove chuva miudinha
Na copa do meu chapéo...
Padre nosso de mulher
Não leva homem no céu!

Bôcca de cravo da India,
Dentes de marfim lavrado,
Quando meus olhos te viram
Meu corpo fez um peccado,

Cabellos á Inglesa e la Garçonne

Botelho, especialista a domicilio. T. S. 1504

Duas coisas neste mundo
São minhas grandes paixão:
Perna grossa cabelluda,
Peito em pé no cabeção.

Dr. Luiz Sampaio

MEDICO OPERADOR E PRATICO
CONSULTORIOS: RUA LARGA-55
Telephone Norte 5184,
das 10 ás 2 da tarde; gratis aos pobres.
RODRIGO SILVA, 26 (esq. da Rua da Assembléa)
Telephone Central 6181, de 4 ás 6 horas.
ATTENDE A CHAMADOS COM A MAIOR PRES-
TEZA POSIVEL

O tatú me foi á roça,
Tôda a roça me comeu;
Plante roça quem quizer,
Que tatú quero ser eu.

* * Não ha
nada que mais ir-
rite um senhora,
do que sahir a
passeio com um
vestido novo, que suppõe in-
comparavel, e voltar para casa sem que
algum lhe tenha falado nelle. Esse ge-
nero de desconsiderações é tão frequente e dóe
tanto a quem as soffre, que ha senhoras, das
mais precavidas, que se prevalecem de todos
os processos para pôr em em relevo o seu
vestido as luvas, o chapéo, as suas meias,
aquillo em summa, que ellas consideram o
complemento singular da sua elegancia.

X. X.

ODONTOL

PASTA PÓ - ELIXIR
DENTIFRICIOS
MANTEM A
HYGIENE
DA BOCCA

CLAREAM E
CONSERVAM
OS DENTES

PERFUMAM
O HALITO

Em todas as
Pharmacias,
Drogarias,
Perfumarias,
ou no
deposito

Fco. GIFFONI

1º de Março 17

PETROL

LOÇÃO DE PETROL

PERFUMA. —
— ONDULA. —
AMACIA E —
CONSERVA O
CABELLO.

FRANCISCO GIFFONI & C
RUA 17 DE MARÇO 17 - RIO DE JANEIRO

Eu canonizaria grátis uma mulher cujo
marido nunca se tivesse quixado — SIXTOV.



SYPHILIS!!!

Abortos! Chagas! Invalidez! Rheumatismo!
Eczemas!

UM HORROR!!!

A syphilis produz Abortos, enche o corpo de chagas, destrói as Gerações, faz os filhos Degenerados e paralyticos. Produz Placas, Queda do cabelo e das unhas, faz as pessoas Repugnante! Ataca o Coração, o Baço, o Fígado, os Rins, a Bocca, a Garganta, produz Rheumatismo, Purgações dos ouvidos, Eczemas, Erupções da pelle, Feridas no corpo todo, a Cegueira, a Loucura, em fim, ataca todo o organismo. Elimina a Syphilis de casa porque não havendo Saude não ha alegria.

ELIXIR 914 É o melhor depurativo do sangue. Deve ser usado em qualquer manifestação da Syphilis e da Bôba.

AINDA MAIS!...

O ELIXIR 914 não é só um grande Depurativo como um energico preparado contra a Syphilis, porque contém Hermophenyl o qual destrói os microbios do sangue. É o unico sal que deve ser usado por via gastrica pela sua acção bactericida e porque não ataca o estomago nem os dentes, não produz erupções, ao contrario, sécca e faz desaparecer as feridas. Não contém arsenico nem iodureto, sendo inoffensivo ás creanças.

O que o doente sente com o uso do **ELIXIR 914**:

Appetite, regularidade dos intestinos, melhorando os que soffrem de prisão de ventre. Desapparecimento de todas as manifestações syphiliticas especialmente do Rheumatismo e affecções dos Olhos; finalmente a saúde em pouco tempo.

ATTESTADOS:

É o unico Depurativo que tem attestados dos Hospitaes, de especialistas dos Olhos e da Dyspepsia Syphilitica.

CASAMENTOS:

Não se case sem primeiro tomar 6 vidros de **ELIXIR 914**

E o mais barato de todos os Depurativos porque faz effeito desde o 1.º vidro.

Não deixe para amanhã,

comece hoje mesmo a tomar o **ELIXIR 914**.

Vende-se em todo o Brazil e nas Republicas do Prata.

NOTA: — Enviaremos GRATIS um livrinho scientifico sobre a syphilis e doenças do sangue, a toda a pessoa que o desejar. Pedidos á GALVÃO & Cia.
— CAIXA 2 - C — SÃO PAULO.

ACABA DE APPARECER

CONSELHEIRO XX



GRÃOS DE MOSTARDA

Brochado 5\$000 —:— Encadernado 6\$500

~~~~~ PEDIDOS A ~~~~~  
**LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO**  
RUA BETHENCOURT DA SILVA, 15, 17 e 19  
..... RIO DE JANEIRO .....